Universidade Politécnica de Viseu
Tecnologia e Gestão Viseu

Análise económico-financeiro do setor do turismo no período 2018-2022. O caso das empresas portuguesas de alojamento e restauração, no Centro de Portugal

Inês Vicente Ferreira Fernandes

Dissertação
Mestrado em Finanças Empresariais

Trabalho efetuado sob a orientação de
Professora Doutora Isabel Maria Loureiro Pais Esteves Martins

Junho de 2024

Universidade
Politécnica
de Viseu

Tecnologia
e Gestão Viseu

Análise económico-financeiro do setor do turismo no período 218-2022. O caso das empresas portuguesas de alojamento e restauração, no Centro de Portugal

Inês Vicente Ferreira Fernandes

Dissertação

Mestrado em Finanças Empresariais

Trabalho efetuado sob a orientação de

Professora Doutora Isabel Maria Loureiro Pais Esteves Martins

Junho de 2024

AGRADECIMENTOS

A realização desta dissertação não teria sido possível sem o apoio de muitas pessoas essenciais na minha vida.

Quero agradecer aos meus pais e à minha irmã que sempre me apoiaram e motivaram para a realização deste trabalho. E um agradecimento especial ao meu marido por todo o apoio ao longo destes anos.

Quero também agradecer a todos os professores do Mestrado em Finanças Empresariais, pela transmissão de conhecimentos ao longo do Mestrado e ao professor Manuel Reis pela ajuda fundamental no SPSS.

Por fim, quero agradecer à minha orientadora Professora Doutora Isabel Maria Loureiro Pais Esteves Martins por toda a orientação, apoio e disponibilidade.

RESUMO

O Turismo é considerado dos setores mais importantes para o país, sendo que nos últimos anos foi um dos principais responsáveis pelo crescimento económico de Portugal. No ano de 2020, com o aparecimento da pandemia Covid-19, o setor do Turismo, nomeadamente o alojamento e a restauração, foram das áreas mais afetadas.

O objetivo principal desta dissertação, é analisar o impacto que a pandemia teve no setor do Turismo, nomeadamente nos restaurantes e estabelecimentos hoteleiros com restaurantes, do Centro de Portugal, a nível económico e financeiro. Na obtenção de informações das empresas recorreu-se à plataforma SABI e foi selecionada e estudada uma amostras com 1034 empresas. Esta foi dividida em dois grupos: um que continha uma média com capitais próprios positivos; e outro que continha uma média os capitais próprios negativos. Esta seleção foi realizada no IMB SPSS Statistics 26.

Para a análise dos dados utilizou-se igualmente o SPSS, recorrendo ao teste de comparação de médias de amostras emparelhadas. Foi testada a relação da pandemia Covid-19 com os rácios de liquidez, de estrutura, de rendibilidade e de funcionamento. Verificou-se a existência de relação entre a pandemia Covid-19 e os rácios de liquidez, de rendibilidade e de funcionamento para os restaurantes e estabelecimentos hoteleiros com restaurantes, do Centro de Portugal, que apresentavam capitais próprios positivos. Para os restaurantes e estabelecimentos hoteleiros com restaurantes, do Centro de Portugal, com capitais próprios negativos, verificou-se a existência de relação entre a pandemia Covid-19 e os rácios de estrutura, de rendibilidade e de funcionamento.

Verificou-se, ainda que o valor das vendas dos restaurantes e estabelecimentos hoteleiros com restaurante, diminuiu com a pandemia Covid-19.

Em suma, os resultados evidenciam que o aparecimento da pandemia Covid-19 influenciou negativamente os restaurantes e os estabelecimentos hoteleiros com restaurante, do Centro de Portugal. Foram afetados, principalmente nas empresas com capitais próprios positivos, a capacidade de cumprirem com as suas obrigações a curto prazo, contudo, estas empresas conseguiram fazer face às suas obrigações. Quanto às empresas com capitais próprios negativos, a pandemia Covid-19 afetou estas nas suas obrigações a médio e longo prazo e na capacidade em gerar lucros através dos ativos e das vendas.

Palavras-chave: Rácios económicos e financeiros; Covid-19; Turismo.

ABSTRACT

Tourism is considered one of the most important sectors for the country, and in recent years, it has been one of the main drivers of Portugal's economic growth. In 2020, with the onset of the Covid-19 pandemic, the Tourism sector, particularly accommodation and catering, were among the most affected areas.

The main objective of this dissertation is to analyze the impact that the pandemic had on the Tourism sector, specifically on restaurants and hotel establishments with restaurants in the Centro region of Portugal, from an economic and financial perspective. To obtain information from companies, the SABI platform was used, and a sample of 1034 companies was selected and studied. This sample was divided into two groups: one with an average of positive equity and the other with an average of negative equity. This selection was performed using IMB SPSS Statistics 26.

For data analysis, SPSS was also used, employing the paired samples t-test. The relationship between the Covid-19 pandemic and liquidity, structure, profitability, and operating ratios was tested. There was a relationship between the Covid-19 pandemic and liquidity, profitability, and operating ratios for restaurants and hotel establishments with restaurants in the Centro region of Portugal that had positive equity. For restaurants and hotel establishments with restaurants in the Centro region of Portugal with negative equity, there was a relationship between the Covid-19 pandemic and structure, profitability, and operating ratios.

It was also observed that the sales value of restaurants and hotel establishments with restaurants decreased with the Covid-19 pandemic.

In summary, the results show that the onset of the Covid-19 pandemic negatively influenced restaurants and hotel establishments with restaurants in the Centro region of Portugal. Companies with positive equity were mainly affected in their ability to meet short-term obligations; however, these companies managed to meet their obligations. For companies with negative equity, the Covid-19 pandemic affected their medium and long-term obligations and their ability to generate profits through assets and sales.

Keywords: Economic and financial ratios; Covid-19; Tourism.

ÍNDICE GERAL

ÍNDICE GERAL v
ÍNDICE DE TABELAS vii
ÍNDICE DE QUADROS viii
ÍNDICE DE FIGURAS ix
ÍNDICE DE GRÁFICOS x
1. INTRODUÇÃO 1
1.1. Enquadramento 1
1.2. Objetivos da investigação 2
1.3. Estrutura da dissertação 3
2. O TURISMO E O COVID-19 4
2.1. O Turismo 4
2.2. Evolução do turismo 5
2.1.1. Evolução do Turismo Mundial 5
2.1.2. Evolução do Turismo em Portugal 7
2.3. A importância do Turismo para a economia portuguesa 9
3. ANÁLISE DO DESEMPENHO ECONÓMICO E FINANCEIRO DAS EMPRESAS PORTUGUESAS DE ALOJAMENTO E RESTAURANTES 13
3.1. Importância da análise do desempenho económico-financeiro das empresas portuguesas de alojamento e restauração 13
3.2. As demonstrações financeiras 14
3.2.1.O balanço 14
3.2.2. Demonstrações dos resultados 16
3.3. Os rácios económicos e financeiros 17
3.3.1. Rácios de Liquidez 17
3.3.2. Rácios de Estrutura 18
3.3.3. Rácios de Rendibilidade 19
3.3.3. Rácios de Funcionamento 20
4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DO ESTUDO 22
4.1. Metodologia de investigação e seleção da amostra 22
4.2. Formulação das hipóteses 24
4.3. Análise dos dados e interpretação dos resultados 24
5. CONCLUSÕES 54
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 58

APÊNDICES – Resultados dos Rácios 62
1-Média dos rácios de Liquidez 62
2- Média dos rácios de Estrutura 62
3-Média dos rácios de Rendibilidade 62
4-Média dos rácios de funcionamento 62
5-Média dos rácios de liquidez (“empresas positivas” e “empresas negativas”) 62
6- Média dos rácios de Estrutura (“empresas positivas” e “empresas negativas”) 63
7- Média dos rácios de Rendibilidade (“empresas positivas” e “empresas negativas”) 63
8- Média dos rácios de funcionamento (“empresas positivas” e “empresas negativas”) 63
ANEXOS 65
ANEXO A 66
1 - Dormidas nos alojamentos turísticas: total e por país de residência do hóspede 66
2 – Alojamentos turísticos: total e por tipo de estabelecimento 67
3 – Balança de viagens e turismo: Exportações e Importações 68
ANEXO B – Resultados do teste de comparação de médias de amostras emparelhadas 69

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Resultado do teste de amostras emparelhadas 28

Tabela 2 - Resultado do teste de amostras emparelhadas 31

Tabela 3 - Resultado do teste de amostras emparelhadas 34

Tabela 4 - Resultado do teste de amostras emparelhadas 37

Tabela 5 - Resultados do teste de amostras emparelhadas 41

Tabela 6 - Resultados do teste de amostras emparelhadas 42

Tabela 7 - Resultados do teste de amostras emparelhadas 45

Tabela 8 - Resultados do teste de amostras emparelhadas 46

Tabela 9 - Resultados do teste de amostras emparelhadas 49

Tabela 10 - Resultados do teste de amostras emparelhadas 50

Tabela 11 - Resultados do teste de amostras emparelhadas 53

Tabela 12 - Resultados do teste de amostras emparelhadas 53

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - Balanço 15

Quadro 2 - Demonstração dos Resultados 16

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Número de chegadas de turistas 6

Figura 2 - Dormidas nos alojamentos turísticos: total e por país de residência do hóspede 8

Figura 3 - Alojamentos turísticos: total e por tipo de estabelecimentos 9

Figura 4 - Exportações e Importações (Euros) 10

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Volume de vendas 25

Gráfico 2 - Número de empregados 25

Gráfico 3 - Liquidez Geral 26

Gráfico 4 - Liquidez Reduzida 27

Gráfico 5 - Liquidez Imediata 27

Gráfico 6 - Autonomia Financeira 29

Gráfico 7 - Solvabilidade 29

Gráfico 8 - Endividamento 30

Gráfico 9 - Rendibilidade do Capital Próprio 32

Gráfico 10 - Rendibilidade do Ativo 32

Gráfico 11 - Rendibilidade das Vendas 33

Gráfico 12 - Prazo médio de pagamento 35

Gráfico 13 - Prazo médio de recebimentos 36

Gráfico 14 - Tempo médio Rotação Inventários 36

Gráfico 15 - Liquidez Geral 39

Gráfico 16 - Liquidez Reduzida 39

Gráfico 17 - Liquidez Imediata 40

Gráfico 18 - Autonomia Financeira 42

Gráfico 19 - Solvabilidade 43

Gráfico 20 - Endividamento 44

Gráfico 21- Rendibilidade do Capital Próprio 47

Gráfico 22 - Rendibilidade do Ativo 48

Gráfico 23 - Rendibilidade das Vendas 48

Gráfico 24 - Prazo Médio de Pagamentos; 50

Gráfico 25 - Prazo Médio de Recebimentos;..... 51

Gráfico 26 - Tempo Médio de Rotação de Inventários; 52

1. INTRODUÇÃO

Este capítulo engloba o enquadramento da investigação, os objetivos do estudo e, por fim, a estrutura da dissertação.

1.1. Enquadramento

O Turismo é, atualmente, dos setores mais importante para o país, sendo que foi um dos principais responsáveis pelo crescimento económico de Portugal nos últimos anos, de acordo com Almeida & Silva (2020).

Com a pandemia Covid-19, este também foi dos setores mais afetados tanto a nível nacional como global. Segundo Almeida & Silva (2020), apesar das medidas de apoio implementados pelo governo para combater e tentar impedir o prolongamento da crise neste setor, foi um choque mundial. Tal situação espelhou-se nas empresas portuguesas, tanto direta como indiretamente.

Segundo o estudo realizado por Pinto (2021), os turistas em 2020 optaram por ter uma postura defensiva, visto que o Covid-19 era uma doença desconhecida e não se conseguia prever como seria enfrentada. Com as fases de desconfinamento ditadas pelo governo e, o aparecimento da vacinação a confiança aumentou e isso confirma-se em 2021 e 2022 com o aumento dos turistas em Portugal.

Em conformidade com o Banco de Portugal (2021), o número de empresas no setor de alojamento, restauração e similares era de 45 432, com um volume de negócios de 12 765,4 milhões de euros, empregando 278 142 pessoas. Estes valores, no ano 2019, continuavam em crescimento, contudo no ano 2020, com o aparecimento da pandemia Covid-19, o volume de negócios sofreu uma queda para 8 114,7 milhões de euros e, o número de pessoas ao serviço foi reduzido para 273 658, apesar de o número de empresas ter aumentado.

A Organização Mundial do Turismo (2022), refere que no ano 2021, a nível mundial, as empresas de Turismo recuperaram cerca de 4% em comparação com o ano anterior. Contudo ainda se encontrava 72% abaixo dos níveis de 2019. No ano 2021, já se consegue perceber uma pequena melhoria para a economia portuguesa, uma vez que sofreu um acréscimo de 2,2 mil milhões de euros, na subida das receitas, 28,9%, em comparação com o ano anterior, 2020.

Deste modo, é indubitavelmente um dos setores com mais importância para economia portuguesa, visto o grande número de empresas que engloba, a criação de postos de trabalho e a riqueza local e nacional que gera.

Devido a esta crise sanitária e à variação instantânea do volume de negócios e do número de pessoas ao seu serviço, das empresas portuguesas do setor do Turismo, surgiu a oportunidade de estudar o impacto da pandemia covid-19 no Turismo, mais especificamente nos estabelecimentos hoteleiros com restauração e restaurantes no Centro de Portugal.

1.2. Objetivos da investigação

A dissertação de mestrado, intitulada de *O impacto económico-financeiro da pandemia Covid-19 no setor do Turismo. O caso das empresas portuguesas de alojamento e restauração, no Centro de Portugal*, tem como principal objetivo analisar o impacto que a pandemia teve no setor do Turismo aos níveis económico e financeiro. O objetivo principal é decomposto em vários objetivos secundários, nomeadamente: volume de vendas; no número de pessoas empregadas no setor e, consequentemente nos rácios económico e financeiros.

Neste sentido, a pergunta de partida para a investigação é: "Terá a pandemia Covid-19 causado um impacto negativo a nível económico e financeiro no setor do Turismo, nomeadamente nos restaurantes e estabelecimentos hoteleiros com restaurante, no Centro de Portugal?" Para dar resposta a esta pergunta, recorreu-se à plataforma SABI para recolher a informação financeira das empresas, e ainda foi necessário recorreu ao programa estatístico IBM SPSS 26, onde foi restringida a amostra da seguinte forma:

- CAE: 5511 – Estabelecimentos Hoteleiros com restaurante; 561 – Restaurantes; **(43 569 empresas)**
- País/Região: Centro de Portugal; **(5 391 empresas)**
- Data de constituição: até e incluindo: 31/12/2017; **(4 347 empresas)**
- Estado: Ativa; **(1 661 empresas)**
- Todas as empresas com valores conhecidos para os anos 2022, 2021, 2020, 2019 e 2018, relativamente aos rácios mencionados no ponto 3.3; **(1 082 empresas)**
- Tempo médio de rotação de inventários: superior a 365 dias. **(1034 empresas)**

Também com recurso ao SPSS, foi necessário dividir a amostra em dois grupos. Um grupo designado por empresas com capitais próprios médios positivos constituído por 779 empresas e, outro grupo designado por empresas com capitais próprios negativos constituído por 255 empresas.

1.3. Estrutura da dissertação

A presente dissertação está dividida em 5 capítulos, incluindo a introdução e a conclusão:

- Capítulo 1 – Introdução;
- Capítulo 2 – O turismo e o Covid-19;
- Capítulo 3 – Análise do desempenho económico financeiro das empresas portuguesas de alojamento e restauração;
- Capítulo 4 – Apresentação e Análise dos Resultados do Estudo;
- Capítulo 5 – Conclusões Finais.

O primeiro capítulo é constituído pela introdução, onde é dada a conhecer a relevância do tema, os objetivos, a metodologia, a questão de partida e ainda a estrutura da dissertação.

No segundo capítulo, abordamos os conceitos do turismo assim como, a sua evolução a nível mundial e nacional, e a sua importância para a economia portuguesa. Uma vez que é um trabalho realizado com base no turismo, é relevante conhecer a sua origem e evolução, como também é importante abordar o impacto deste a nível económico e financeiro. Assim sendo, no capítulo três, é abordada essa situação. Ou seja, nesse capítulo vamos abordar a análise do desempenho económico e financeiro das empresas portuguesas de alojamento e restauração, do Centro de Portugal, nomeadamente, os rácios económicos e financeiros, nas demonstrações financeiras.

No quarto capítulo, são apresentados, analisados e avaliados os resultados do estudo.

Por último, no capítulo cinco, temos as considerações finais, isto é, conclusões finais do estudo em função dos resultados obtidos, e é discutida a resposta aos objetivos iniciais definidos para o desenvolvimento desta dissertação. São, ainda, indicadas as linhas de investigação para estudos futuros.

2. O TURISMO E O COVID-19

Neste capítulo é referido o conceito de turismo, a sua evolução desde a sua origem até à atualidade, a nível nacional e mundial, assim como a sua na importância para a economia portuguesa. Além disso, é abordado o surgimento da pandemia covid-19 e a vulnerabilidade deste setor.

2.1. O Turismo

O Turismo surgiu há muitos anos. Vários autores tentaram definir o Turismo, contudo, referem alguma dificuldade devido à complexidade e diversidade dos serviços que engloba.

O conceito de Turismo definido pela Organização Mundial do Turismo inclui vários elementos-chave apresentados, por vários autores, pela qual apresentam uma definição que melhor caracteriza o Turismo, como sendo, "as atividades que as pessoas realizam durante as suas viagens e permanência em lugares distintos dos que vivem, por um período de tempo inferior a um ano consecutivo, com fins de lazer, negócios e outros", Sancho (2001). Porém a Organização das Nações Unidas adota a definição de Turista como sendo um indivíduo que viaja e passa uma noite num alojamento turístico, ou em habitações de terceiros para fins não remunerados, nem para procura de emprego.

O "Turismo" é considerado como todo aquele que se desloca com a finalidade de obter descanso, momentos de lazer, ou ainda, por razões sociais ou culturais. Não é apenas aquele que se desloca por motivos comerciais, migração, conquistas ou guerras. Isto deve-se às evoluções de pensamentos e ideologias ao longo dos tempos. Esta evolução deve-se à crescente preocupação com a saúde mental e física das pessoas que persuadiu a procura de atividades para promover momentos de lazer e proporcionar às pessoas a possibilidade de saírem da rotina e de uma vida monótona.

De acordo com Vieira (2020), o turismo só se aproximou do que é nos dias de hoje após a Revolução Industrial, todavia esta área cresceu sobretudo no final do seculo XX. A evolução do mundo, levou a que o Turismo tenha ultrapassado várias etapas em constante mudança. Consequentemente, o aumento da procura de atividades em sítios diferentes àqueles onde vivem, levou a que melhorassem as condições de viagens, havendo progressivamente uma evolução positiva do nível de vida de cada indivíduo.

A prática de viajar foi se tornando cada vez mais facilitada e acessível em todo o mundo. Foi surgindo uma lista infindável de motivos e necessidades pelas quais as pessoas viajam e,

não só por motivos de puro prazer, mas também a vontade de conhecer os costumes e tradições dos outros povos. De acordo com Cunha & Abrantes (2019), nos dias de hoje é impossível saber quem viaja por puro prazer ou por outros motivos variados.

A atratividade dos locais onde se encontram os hotéis e os restaurantes, varia conforme o público-alvo, de acordo com Plog (1974). Segundo ele, a atratividade de um local, tanto varia consoante o tempo como também consoante os indivíduos que frequentam esses mesmos locais. De acordo com Butler (2006), um destino não terá sempre a mesma popularidade, esta varia consoante os fatores externos. Alguns locais são muito visitados num determinado tempo, mas à medida que este passa verifica-se um decréscimo na sua popularidade e isto torna-se mais evidente no designado "Turismo de massa", que se caracteriza pela visitação em massa de um grande número de pessoas a um determinado lugar, isto é, a concentração de turistas em um mesmo local.

A personalidade dos indivíduos que escolhem os destinos é fulcral, segundo o texto de Plog (1974), os destinos vão mudando ao longo do tempo e isso faz com que o público-alvo também mude, consoante os gostos de cada um. Butller (2006), trata a ideia de que um destino não tem sempre a mesma atratividade, pois os destinos sofrem estagnação em vários períodos da sua 'vida' e aí cabe ao responsável dos estabelecimentos, estudar qual a melhor forma de fazer crescer a sua atratividade, seja para o mesmo público-alvo, ou não. Salientando sempre que a qualidade de Turistas é melhor que a quantidade.

2.2. Evolução do turismo

A evolução do Turismo está diretamente relacionada com as mudanças da sociedade em cada momento histórico, de acordo com Azevedo ITO (2008), como abordado anteriormente. E o desejo por viajar e conhecer lugares, costumes e pessoas novas está presente na sociedade, desde há muitos anos, segundo Cunha (2006).

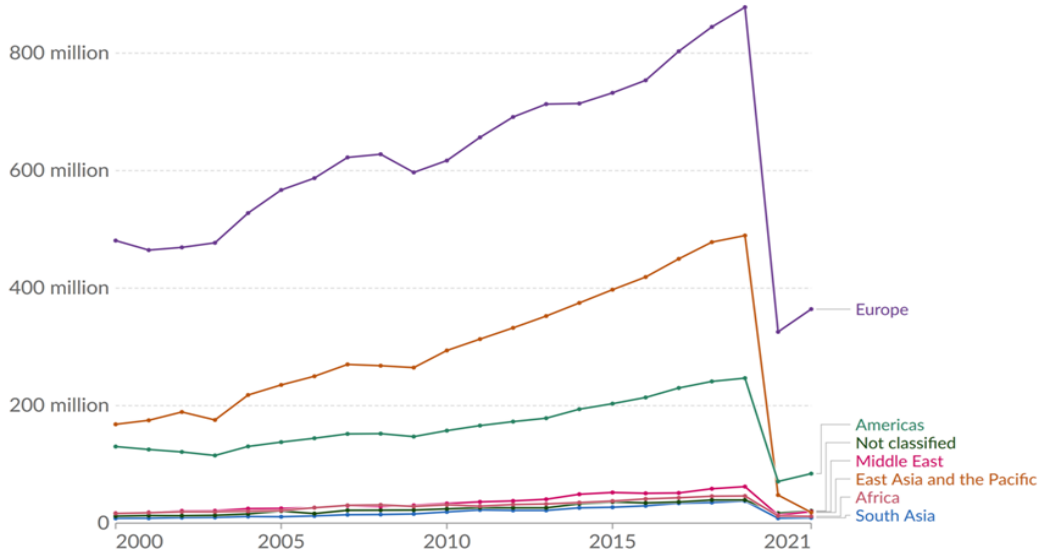
Assim, faz todo o sentido analisar a evolução do Turismo até aos nossos dias.

2.1.1. Evolução do Turismo Mundial

O crescimento da população mundial proporciona um crescimento positivo no Turismo. Nas últimas décadas as condições de viagens são mais acessíveis, este facto tem vindo a fazer crescer o Turismo progressivamente ao longo dos anos, Statista (2018).

De acordo com Aboim (2020), o turismo é uma das principais fontes de receita de muitos países, originando riqueza. Faz assim, surgir mais incentivos a nível internacional para, por sua vez, desenvolverem mais atividades turísticas de forma a estimular avanços económicos.

Figura 1 - Número de chegadas de turistas



Fonte: Herre et al. (2023)

O número de chagadas corresponde ao número de pessoas que vem do exterior e pernoitam em estabelecimentos de alojamento turístico.

Analisando a Figura 1, a evolução constante do número de chegadas internacionais de turistas das várias regiões é evidente. A única exceção de crescimento, são os anos entre 2008 e 2009, em que o número de chegadas internacionais diminui. Este decréscimo deve-se à crise que se fez sentir nesse período em todo o mundo.

Verifica-se que do ano 2000 até ao ano 2019 houve um aumento brutal nas chegadas de turistas que corresponde a um aumento de 116%, uma vez que no ano 2000 as chegadas totalizaram 833,24 mil milhões, e no ano 2019 verificava-se um valor de 1800 milhões.

Com a pandemia instalada no mundo inteiro, no ano 2020 a totalidade das chegadas internacionais perfizeram apenas 495,84 mil milhões, verificando-se um decréscimo de 72,5% em relação ao ano anterior. Contudo, no ano 2021, houve um aumento de 14,57 mil milhões de chegadas internacionais, que corresponde a um crescimento de 2,93%. O ano de 2020 foi para todas as regiões o ano em que houve uma queda abrupta de chegada internacionais. No ano de 2021, verificou-se um pequeno crescimento em todas as regiões, com exceção do leste Asiático e Pacifico e ainda África que continua com decréscimo no número das chegadas.

Como podemos verificar na Figura 1, o Sul da Ásia é a região com menos chegadas turísticas internacionais no ano de 2021 que perfaz um total de 9,1 mil milhões de chegadas. A região com mais chegadas internacionais é sem dúvida a Europa. Ao longo de todo o período conforme é demonstrado na figura 1, apesar do decréscimo que houve devido à pandemia Covid-19, no ano de 2021 totalizava 364,37 mil milhões de chegadas, que corresponde a 71,39%, onde se verifica um crescimento relativamente ao ano anterior. Em 2020 só tinha alcançado 325,71 mil milhões de chegadas que representa um aumento de 11,87% em relação ao ano anterior.

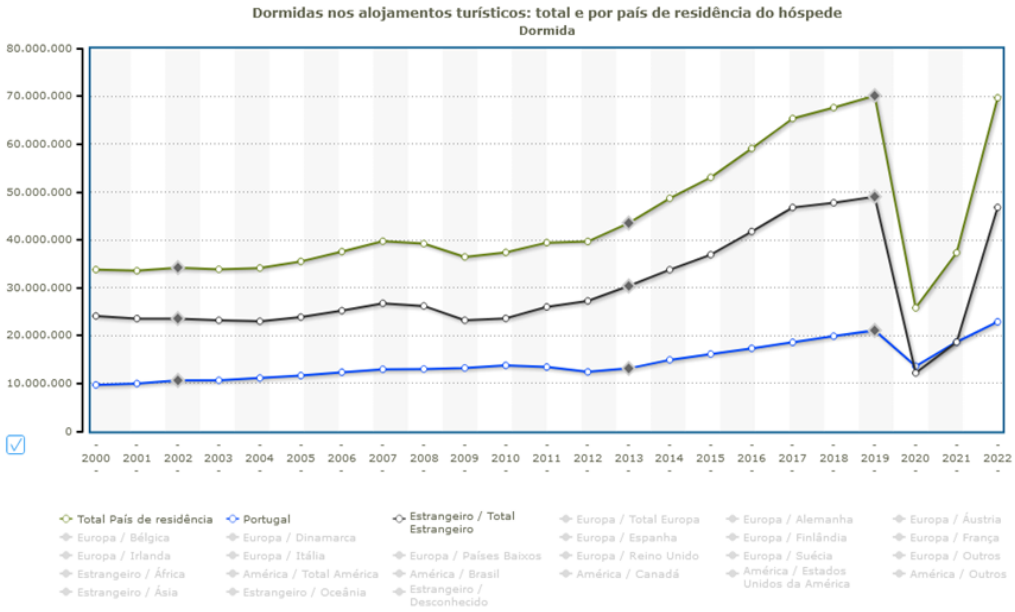
A região seguinte, com maior número de chegadas, é a América do Norte e a América do Sul com um valor em 2021 de 84 mil milhões de chegadas. De 2000 até 2019, esta região era considerada a terceira região com maior número de chegadas de turistas, sendo a primeira a Europa e a segunda é o Leste Asiático e o Pacífico. Contudo na pandemia Covid-19, o Leste Asiático e o Pacífico tiveram uma queda muito acentuada de cerca de 75% do ano 2019 a 2021e ainda sem recuperação, enquanto a América apresenta uma queda de 66%, contudo já se consegue perceber uma ligeira melhoria.

2.1.2. Evolução do Turismo em Portugal

De acordo com Correia e Homem (2018), Portugal tem crescido de forma notória no setor do Turismo, salientando a inovação, o desenvolvimento e a qualidade dos serviços. Portugal tem como pontos turísticos que o favorece, as praias, a gastronomia, a cultura, o património e a religião.

Procura turística

Figura 2 - Dormidas nos alojamentos turísticos: total e por país de residência do hóspede



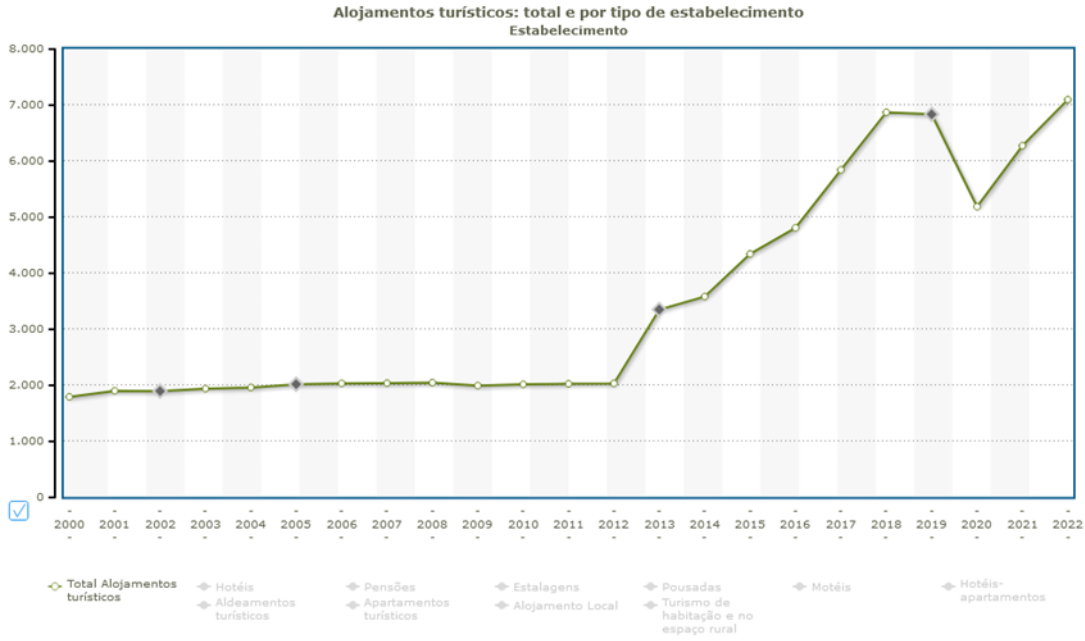
Fonte: Pordata (s.d.)

A procura turística entre 2000 e 2012, teve um crescimento lento. Após 2013 teve um notório crescimento, até 2019, com um crescimento no total de 107,6%. No ano 2020, a procura teve uma queda drástica devido à crise pandémica. De 70,2 mil milhões passou para 25,7 mil milhões de dormidas, representando uma diminuição de 63,2%. Contudo nos anos seguintes já se registou um crescimento muito acentuado. Em 2022 obtiveram-se valores muito próximos dos de 2019 e ultrapassar o número de dormidas com residentes portugueses, registando 1,78 mil milhões de dormidas.

Em 2022, as dormidas de turistas com residência em Portugal representaram 32,8% do total de dormidas, isto significa que a percentagem de dormidas de residentes portugueses aumentou com a pandemia, uma vez que em 2019 representavam apenas 30,1%.

Oferta turística

Figura 3 - Alojamentos turísticos: total e por tipo de estabelecimentos



Fonte: Pordata (s.d.)

Ao analisar a Figura 3, verificamos que o número de alojamentos turísticos disponíveis no período entre 2000 e 2012, tiveram pequenas variações sem grande relevância. Após 2013, talvez devido à recuperação da crise financeira, sentido nos anos 2008/2009, o número de alojamentos cresceu significativamente, de 1786 para 6868, em 2000 e 2018, respetivamente. Com o início da pandemia e com todas as restrições impostas pelas autoridades sanitárias, houve muitos alojamentos que fecharam, tendo diminuído para 5183 em 2020. Contudo, com as medidas implementadas para ajudar o setor e o país, proporcionou o aumento da procura e o número de alojamentos voltou a aumentar, chegando em 2022 a 7095, o maior número de sempre. O número de alojamentos teve um crescimento de 36,9% em relação a 2020, ano em que sofreu a maior queda do século. Em comparação com o ano 2018, ano pré-pandemia, o número de alojamentos aumentou em 227 alojamentos, que corresponde a 3,3%. Verificamos que a recuperação está a ser muito rápida, pois os valores já se encontram a ultrapassar os pré-pandemia.

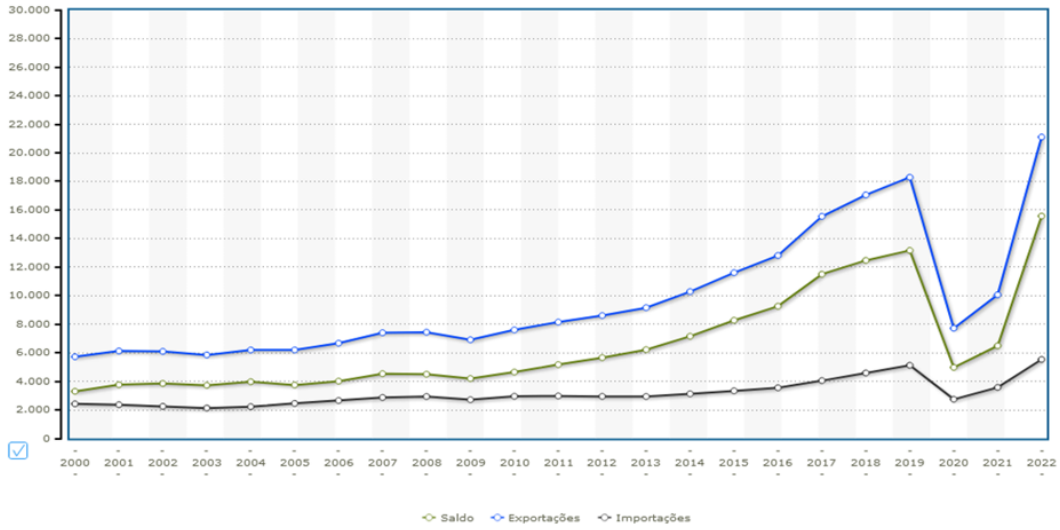
2.3. A importância do Turismo para a economia portuguesa

O setor Turístico é considerado, um dos ‘motores’ da economia portuguesa, tanto ao nível social como cultural. No entanto, a área onde se tem sentido mais o seu contributo é na

economia. De acordo com Gouveia (2021) e Almeida & Silva (2020), o setor do Turismo tem sido um dos principais responsáveis pelo desenvolvimento do país e pelo crescimento económico. Este contributo faz-se sentir não só na criação de emprego como no desenvolvimento regional. A maioria das regiões depende das atividades turísticas, fazendo crescer o Produto Interno Bruto.

Segundo Luis (2002), "o consumo turístico gera um efeito multiplicador, com repercussões económicas (…) em setores relacionados ou não com o turismo", e como são os exemplos as atividades de transportes e de construção civil.

Figura 4 - Exportações e Importações (Euros)



Fonte: Pordata (s.d.)

Na Figura 4, observa-se a evolução da balança de viagens e turismo, entre o período de 2000 e 2022, com os indicadores de exportações e importações, assim como o saldo entre ambos.

Ao longo dos anos, como podemos verificar, o crescimento das exportações e das importações foi positivo. Contudo, no ano 2009 houve uma queda devido à designada 'crise de subprime', devido à bolha de investimentos massivos em hipotecas nos Estados Unidos da America e que contaminou a economia mundial. Após este período desfavorável, voltou a um rápido crescimento, com um aumento de 213,8% quando comparados os valores entre 2009 e 2019.

No ano 2020, com a pandemia Covid-19, os valores voltaram a cair drasticamente. O saldo entre as exportações e as importações sofreram um decréscimo de 62,2%, com um saldo de 4,973 mil milhões de euros, correspondendo a 7,716 mil milhões de euros em exportações e

2,743 mil milhões de euros em importações. As exportações correspondem à venda de bens e de serviços aos turistas estrangeiros e as importações á sobretudo as compras de bens e de serviços ao estrangeiro, ou seja, as despesas que os turistas nacionais fazem no estrangeiro.

O ano 2020 foi o que obteve os resultados mais baixos desde 2010, mas que rapidamente recuperaram, pois em 2022 já observamos os valores mais altos de sempre. Onde as exportações tiveram um aumento de 11,043 mil milhões de euros e as exportações de 1,959 mil milhões de euros, em comparação com 2021. Isto significa que o aumento do saldo balança destes produtos e serviços foi de 139,9%.

De acordo com Petronilho (2022) as receitas totais no setor do Turismo no ano 2021 atingiram 2,3 mil milhões de euros, uma queda de 45,7% face aos valores de 2019, valores estes registados antes da pandemia. Segundo Roque e Alves (2023), a pandemia Covid-19, causou impacto negativo em várias componentes do desempenho das empresas, contudo o impacto mais significativo foi no volume de vendas.

No ano 2019, segundo os dados publicados pelo Instituto Nacional de Estatística, no final de 2020, pela Conta Satélite do turismo de 2019, o setor turístico gerou para Portugal um valor acrescentado bruto de aproximadamente 15,6 mil milhões de euros, valores estes que correspondem a 8,4% de PIB. A Conta Satélite do turismo é uma ferramenta que permite calcular, medir e organizar informação económica que integram a indústria turística de um país ou região, de acordo com Couto (2011).

Segundo Santos (2021), se retirássemos o contributo do Turismo, o produto interno bruto sofria um défice externo equivalente a 5,3%.

Para além destes dados macroeconómicos, é evidente que também as empresas do setor do Turismo, como por exemplo hotéis e outros alojamentos, têm uma grande importância para a economia. O Turismo é considerado um dos principais ‘motores’ da economia portuguesa, contudo, com a pandemia, as pessoas começaram a ter comportamentos inversos ao esperado. Com o número de trabalhadores desempregados ou em lay-off aumentou a incerteza no futuro financeiro das famílias, há uma redução de rendimento disponível para o setor turístico, por precaução. O lay-off consiste em as empresas empregadores suspenderem o contrato de trabalho por um determinado período, devido a estarem a atravessar dificuldades económicas. Este regime jurídico permite a suspensão do contrato de trabalho ou redução de número de horas de trabalho, em que a Segurança Social paga uma parte da remuneração dos trabalhadores, tendo a empresa assim menos encargos.

De acordo com o Boletim económico de 2019, Banco de Portugal (2020), as medidas de confinamento, também ajudaram a que a procura diminuísse e, do ponto de vista da oferta também existe retração devido a incerteza quanto ao futuro, pelo que o investimento das empresas desta área diminuiu.

Segundo o Boletim económico de 2021, Banco de Portugal (2021), as famílias devido à vulnerabilidade que sentiam, obtiveram uma taxa de poupança de 12,8% do rendimento disponível Este é o valor mais alto desde 2002. Esta poupança deve-se não só à precaução das famílias, mas também a uma poupança involuntária, devido às limitações de consumo por causa do confinamento prolongado que foi imposto pelo Estados.

Como referido anteriormente, o Turismo cresceu muito nos últimos anos, tendo um grande impacto a nível económico e financeiro e, como podemos constatar a pandemia causou uma quebra enorme no Turismo português, principalmente nos anos de 2020 e 2021, causando, consequentemente, um enorme impacto negativo na economia do país. Contudo, segundo Butcher (2023), o decréscimo sofrido com a pandemia Covid-19, pode trazer consigo novas oportunidades. Uma vez que, com a forçada redução de como se viaja e se vive, as pessoas estão a ter oportunidade de construir novas ligações locais, tanto no dia a dia como nos tempos de lazer, o que se torna benéfico para os comerciantes locais.

3. ANÁLISE DO DESEMPENHO ECONÓMICO E FINANCEIRO DAS EMPRESAS PORTUGUESAS DE ALOJAMENTO E RESTAURANTES

Neste capítulo, vai ser abordada a importância do desempenho económico e financeiro das empresas portuguesas de alojamento e restauração. Para que esta análise seja rigorosa, vai ser realizada uma abordagem aos instrumentos de apoio na tomada de decisão dos gestores e/ou proprietários.

Primeiramente, são apresentadas as demonstrações financeiras como apoio fulcral na análise económico e financeiro. E em seguida, são abordados alguns rácios que permitem fazer uma análise com mais precisão, nomeadamente, com uma breve apresentação, incluindo fórmulas de cálculo e respetiva interpretação.

3.1. Importância da análise do desempenho económico-financeiro das empresas portuguesas de alojamento e restauração

A análise económica e financeira, tendo vindo a ganhar importância ao longo dos anos, com o aumento da preocupação de uma gestão eficaz e eficiente.

De acordo com Magalhães (2022), a criação de valor da empresa é a consequência da ação e do sucesso da análise económico e financeira, onde esta análise serve, fundamentalmente como base para a tomada de decisões dos gestores. Ou seja, esta permite conhecer melhor a empresa, reduzindo os riscos e potenciando oportunidades de mercado.

O Turismo, como anteriormente referido, é um dos setores com maior crescimento e mais competitivos no mercado, e por essa razão, quem opera neste mercado tende a dar mais importância a análise económica e financeira, com o objetivo de se adaptarem e sobreviverem às mudanças que surgem, e assim obterem uma melhor qualificação no mercado do Turismo.

A informação necessária para uma avaliação do desempenho da empresa, a nível económico e financeiro é baseada nas demonstrações financeiras, como o balanço, demonstrações dos resultados e o Anexo. Segundo Magalhães (2022), as informações obtidas por estas demonstrações financeiras devem dar respostas às características qualitativas de relevância, fiabilidade, compreensibilidade e comparabilidade.

De acordo com Fernandes, Peguinho, Vieira e Neiva (2022), a análise Financeira obtém-se com os dados obtidos do balanço e a análise económica com os da informação da

demonstração dos resultados. Estes documentos mencionados serão abordados posteriormente mais aprofundadamente. Para ajudar na eficácia desta análise serão calculados os rácios de liquidez, de estrutura, de rendibilidade e de funcionamento.

Assim, a análise económico-financeira, permite conhecer a evolução financeira e de rendibilidade da empresa, obter tendências futuras e ainda informações que permitem aos gestores tomar melhores e atempadas decisões.

3.2. As demonstrações financeiras

Segundo a Estrutura Conceptual de normalização Contabilística, as demonstrações financeiras têm como objetivo disponibilizar informação do desempenho e da posição financeira de uma entidade. Para tal, são definidos um conjunto de demonstrações financeiras, que são:

- Balanço;
- Demonstração dos Resultados;
- Demonstração dos Fluxos de Caixa;
- Demonstração da Alteração de Capital Próprio;
- Anexo.

O balanço e a demonstração dos resultados, são considerados as demonstrações financeiras mais importantes para a análise económica e financeira de uma entidade, pelo que será feita uma abordagem mais detalhada nos pontos seguintes.

3.2.1. O balanço

O balanço é definido pela igualdade de dois membros, em que o primeiro membro corresponde ao ativo (bens e direitos) e o segundo membro corresponde ao somatório do passivo com o capital próprio (obrigações). Este documento expressa a situação financeira de uma entidade num determinado momento, geralmente corresponde a um exercício económico. Esta relação de igualdade é explicada na Tabela 1, adaptado de Fernandes et al. (2022).

Quadro 1 - Balanço

Balanço	
Ativo	São recursos controlados pela entidade, sob forma de bens e direitos, que podem ser convertidos em dinheiro.
• Ativo corrente	Constitui ativos que a empresa espera vender, consumir ou realizar num período máximo de doze meses, que corresponde geralmente ao ciclo operacional da entidade.
• Ativo não Corrente	Corresponde aos ativos que a empresa vender, consumir ou realizar num período superior ao ciclo operacional da entidade. Como os ativos fixos tangíveis, ativos intangíveis, investimentos financeiros e entre outros ativos financeiros.
Capital Próprio	Corresponde ao capital subscrito, às ações próprias, aos prémios de emissão, reservas, resultados transitados, ajustamentos em ativos financeiros, excedentes de revalorização, outras variações na capital próprio, ao resultado líquido do período e aos dividendos antecipados. Mais precisamente, é considerado o valor contabilístico da empresa, ou seja, ao valor dos ativos é deduzido o valor dos passivos.
Passivo	São todas as obrigações e dívidas da empresa.
• Passivo Corrente	Corresponde às dívidas que a empresa espera liquidar durante o ciclo operacional, isto é, que seja liquidado num prazo máximo de doze meses.
• Passivo não Corrente	É caracterizado pelas obrigações que a empresa espera liquidar a longo prazo, ou seja, num prazo superior a doze meses.

Adaptado de Fernandes et al. (2022)

3.2.2. Demonstrações dos resultados

A demonstração dos resultados tem como principal função divulgar o montante dos resultados obtidos, num determinado período designado como ciclo operacional, que tem a duração de doze meses. De acordo com Fernandes, Peguinho, Vieira e Neiva (2022), esta demonstração explicita o aumento ou a diminuição no capital próprio da empresa, visto que divulga os rendimentos e os gastos obtidos durante o período económico.

Quadro 2 - Demonstração dos Resultados

Demonstração dos Resultados	
Rendimentos	Correspondem aos réditos e ganhos referentes ao período.
Gastos	Correspondem aos gastos e perdas referentes ao período.
Resultado antes de depreciações e amortizações, gastos de financiamento e impostos (EBITDA)	É referente às atividades que constituem o objetivo principal da empresa, à exceção dos gastos/reversões que dizem respeito às amortizações e depreciações dos ativos.
Gastos de depreciação e de amortização	É referente aos gastos de depreciação e amortização dos investimentos não financeiros de longo prazo, como dos ativos fixos tangíveis e dos ativos intangíveis.
Resultado antes de gastos de financiamento e impostos (EBIT)	Corresponde a todos os rendimentos e gastos associados ao exercício da atividade, incluindo os gastos/reversões que dizem respeito às amortizações e depreciações dos ativos.
Gastos de Financiamento	Corresponde aos custos associados aos financiamentos obtidos pela empresa.
Resultado antes de imposto (RAI)	Reflete o resultado obtido pela entidade antes de ser considerado o imposto sobre o rendimento.
Imposto sobre o rendimento	Corresponde ao montante suportado pela empresa no que respeita ao imposto que incide sobre o resultado da empresa.
Resultado Líquido de período	Corresponde ao resultado antes de imposto após ser considerado o imposto sobre o rendimento.

Adapatado de Fernandes et al. (2022)

3.3. Os rácios económicos e financeiros

De acordo com Fernandes, Peguinho, Vieira e Neiva (2022), as demonstrações financeiras apresentadas anteriormente servem de base aos gestores na tomada de decisões. Os dados fornecidos por estas, apesar de serem o suporte para a análise da evolução das empresas, por si só não é suficiente para obter informação na tomada de decisão. Para tal, é utilizado o método baseado em rácios, que permite resumir e sintetizar a informação fornecida pelas demonstrações financeiras, e assim obter a situação económica e financeira da empresa, conforme Breia et al. (2014).

Visto que, os rácios económicos e financeiros são considerados como umas das ferramentas para avaliação da empresa e na tomada de decisões. É importante realçar que ao longo da evolução da empresa é fundamental comparar os mesmos rácios ao longo do tempo, para assim se obter um resultado mais eficaz e eficiente, analisando tendências positivas e negativas.

Para uma análise mais precisa e rigorosa, os rácios económicos e financeiros podem ser divididos em quatro grupos, designadamente:

- Rácios de Liquidez;
- Rácios de Estrutura;
- Rácios de Rendibilidade;
- Rácios de Funcionamento.

Posteriormente vamos apresentar a definição de cada um dos rácios e a sua interpretação, tendo sempre em conta Fernandes, Peguinho, Vieira e Neiva (2022).

3.3.1. Rácios de Liquidez

O rácio de liquidez interfere na análise financeira da empresa de curto prazo. Este refere-se à capacidade que um ativo tem em transformar-se em meios líquidos, ou seja, à capacidade de a empresa satisfazer os compromissos exigíveis a curto prazo. Obtemos assim um subgrupo que é constituído por os rácios de liquidez geral, liquidez reduzida e liquidez imediata.

- $\text{Liquidez Geral} = \frac{\text{Ativo Corrente}}{\text{Passivo Corrente}}$

O rácio de liquidez geral, compara a totalidade do ativo de curto prazo com a totalidade do passivo de curto prazo. Se este rácio for inferior a um, significa que a totalidade do ativo de curto prazo é inferior à totalidade dos passivos de curto prazo, Fernandes, Peguinho, Vieira e Neiva (2022). Quer isto dizer, que mesmo que a empresa transforme todos os ativos correntes em meios monetários não consegue fazer face aos compromissos de curto prazo.

- $\text{Liquidez Reduzida} = \frac{\text{Ativo Corrente} - \text{Inventários}}{\text{Passivo Corrente}}$

O rácio da liquidez reduzida, análise o grau de dependência dos inventários da empresa face às obrigações de curto prazo. Visto que, para calcular este rácio apenas se exclui as existências na comparação realizada na liquidez geral, mais concretamente, no numerador vamos apresentar o ativo corrente subtraindo o inventário. Com este rácio pode-se analisar se o rácio de liquidez geral está inflacionado tendo em conta os inventários, e assim ter mais certeza se a empresa possui ou não problemas de liquidez.

- $Liquidez\ Imediata = \frac{\text{Meios Financeiros Líquidos}}{\text{Passivo Corrente}}$

O rácio da liquidez imediata, compara os meios financeiros líquidos e o passivo corrente, isto é, tal como no rácio anterior, para além dos inventários serem retirados do numerador também os clientes vão ser excluídos, ou seja, tem só em conta as rubricas do balanço com maior liquidez. Assim, é possível obter a capacidade que a empresa tem em fazer face às obrigações de curto prazo apenas com os valores disponíveis de imediato (caixa e depósitos bancários).

3.3.2. Rácios de Estrutura

Os rácios de Estrutura, são designados os rácios que estudam a situação das empresas a médio e longo prazo. Um dos principais objetivos destes rácios é avaliar a capacidade que a empresa tem em fazer face às obrigações de médio e longo prazo, assim como também avaliar as formas de financiamento. Fazem parte dos rácios de estrutura a autonomia financeira, a solvabilidade e o endividamento, que vamos analisar detalhadamente.

- Autonomia financeira $= \frac{\text{Capitais Próprios}}{\text{Ativo}}$

A autonomia financeira é a comparação dos capitais próprios com a totalidade dos ativos, correntes e não correntes. Este quociente permite analisar a capacidade da empresa em financiar os ativos apenas com os próprios recursos. Quanto maior for o capital próprio menor será a dependência a capitais alheios para investir e realizar a atividade.

- Solvabilidade $= \frac{\text{Capital Próprio}}{\text{Passivo}}$

A solvabilidade é a comparação entre o capital próprio e a totalidade do passivo. Este rácio permite avaliar a capacidade que a empresa tem em fazer face aos compromissos. O rácio de solvabilidade superior a um, significa que os capitais próprios são superiores aos capitais alheios, o que evidencia uma boa capacidade de a empresa em cumprir as obrigações. Contudo um rácio de solvabilidade inferior a um, significa que a empresa atravessa uma situação financeira mais debilitada e a sua dependência é maior.

- Endividamento $= \frac{\text{Passivo}}{\text{Capital Próprio}}$

O endividamento é o quociente entre a totalidade do passivo com o capital próprio. Este rácio é o inverso da solvabilidade, que mostra qual a proporção de dívida de uma empresa em relação ao capital próprio. Se este rácio apresentar valores superiores a um significa que as dívidas excedem os recursos próprios da empresa, e que a maior parte das obrigações está a recair sobre os credores e não sobre os acionistas da empresa.

3.3.3. Rácios de Rendibilidade

Os rácios de rendibilidade dividem-se em três rácios distintos, que são designadamente o rácio da rendibilidade do capital próprio, da rendibilidade do ativo e da rendibilidade das vendas. Estes rácios medem a rentabilidade de uma empresa no decorrer da sua atividade, sendo

um rácio de médio e longo prazo. Quanto maior for a rendibilidade da empresa, mais rapidamente os credores e investidores podem reaver o valor investido.

- $\text{Rendibilidade do Capital Próprio} = \frac{\text{Resultado Líquido}}{\text{Capital Próprio}} \text{x } 100$

O rácio de rendibilidade do capital próprio é o quociente entre o resultado líquido e o capital próprio, e para se obter este valor em percentagem, multiplica-se por cem. O valor obtido neste rácio demonstra o nível de eficiência de utilização de fundos próprios, isto é, revela qual a receita da empresa gerada por cada euro de capital próprio investido.

- $\text{Rendibilidade do Ativo} = \frac{\text{Resultado Líquido+Encargos Financeiros}}{\text{Ativo}} \text{ x } 100$

O rácio de rendibilidade do ativo é o quociente entre o resultado líquido mais os encargos financeiros com o total dos ativos. Este autor defende que a rendibilidade do ativo é indiferente à estrutura das origens de fundos e ao custo dessas origens e por essa razão no numerador soma-se os encargos financeiros ao resultado líquido. Este rácio indica a capacidade da empresa em gerar lucro através do ativo.

- $\text{Rendibilidade das Vendas} = \frac{\text{Resultado Líquido}}{\text{Volume de Negócios}} \text{ x } 100$

O rácio da rendibilidade das vendas é o quociente entre o resultado líquido e o volume de negócios. Este rácio indica quanto é que cada unidade monetária vendida é transformada em lucro, assim, quanto maior for a rendibilidade das vendas mais rentável é o negócio.

3.3.3. Rácios de Funcionamento

Os rácios de funcionamento incluem o prazo médio de pagamento, o prazo médio de recebimentos e o tempo médio de rotação de inventários, que também são definidos como rácios de atividade. Estes rácios têm como principal objetivo estudar os níveis de eficiência na gestão de recursos e aplicações.

- Prazo Médio de Pagamento $= \frac{\text{Fornecedores}}{\text{Compras}}$ x 365

O prazo médio de pagamento é a comparação entre os fornecedores e as compras, e para indicar um valor em dias, multiplica-se por 365. O resultado deste rácio indica o tempo médio em dias, que a empresa demora a pagar aos seus fornecedores. Geralmente, quanto maior é o valor deste rácio, melhor é para empresa, contudo, por vezes significa que a empresa está com problemas de tesouraria, pontuais ou estruturais. Porém, a empresa deve sempre cumprir com os prazos de pagamentos estabelecidos com os fornecedores.

- Prazo Médio de Recebimentos $= \frac{\text{Clientes}}{\text{Vendas}}$ x 365

O prazo médio de recebimentos é a comparação entre os clientes e as vendas, que se multiplica por 365, para obter-se um valor em dias. O resultado deste rácio indica o tempo médio em dias que a empresa tem de esperar para receber dos seus clientes. Este rácio deve ser o mais baixo possível e para uma boa gestão deve ser sempre inferior ao prazo médio de pagamentos, para que a empresa possa receber dos seus clientes com o intuito de posteriormente pagar as dívidas aos seus fornecedores dentro dos prazos estabelecidos.

- Tempo Médio de Rotação de Inventários $= \frac{\text{Inventários}}{\text{CMVMC}}$ x 365

O tempo médio de Rotação de Inventários compara as médias dos inventários com o custo médio das mercadorias vendidas e matérias consumidas multiplicado por 365, para obter um resultado em número dias. Este rácio indica o tempo médio que os produtos permanecem armazenados, desde que foi comprado até que será consumido, ou seja, o tempo médio que demora até os inventários serem renovados. Significa que, quanto menor for o resultado deste rácio, mais eficiente a empresa está a ser, em gerir o seu stock. Pois, valores elevados deste rácio, pode indicar uma má gestão do stock ou que não esta a ser vendido.

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DO ESTUDO

Neste capítulo vão ser apresentados e analisados os resultados do estudo efetuado.

Primeiramente será explicada a metodologia utilizada e como se selecionou a amostra. Seguindo-se a formulação as hipóteses em estudo. Por último, faz-se uma análise e interpretação dos resultados obtidos.

4.1. Metodologia de investigação e seleção da amostra

Com o intuito de responder à pergunta de partida, foi necessário recorrer a vários métodos de pesquisa, especificamente a dissertações, artigos científicos, livros e também documentos estatísticos em formato digital.

Para a realização do caso estudo, optou-se por recorrer à plataforma SABI que disponibiliza demonstrações financeiras de várias empresas de Portugal e Espanha. Foram aplicados vários filtros para se conseguir chegar ao conjunto de dados pretendidos, o mais homogéneo e fiável possível, possibilitando analisar e estudar a relação entre a pandemia Covid-19 e o desempenho económico e financeiro dos estabelecimentos hoteleiros com restaurantes e restaurantes no Centro de Portugal.

Para que seja possível analisar em que sentido o negócio está a evoluir, a análise económica e financeira deve ser realizada por um período mínimo de 3 anos e um máximo de 5 anos.

A recolha dos dados foi realizada na plataforma SABI. Para obter o conjunto de dados a estudar, foram aplicados vários filtros, nomeadamente a estratégia de pesquisa foi:

- CAE: 5511 – Estabelecimentos Hoteleiros com restaurante; 561 – Restaurantes; **(43 569 empresas)**
- País/Região: Centro de Portugal; **(5 391 empresas)**
- Data de constituição: até e incluindo: 31/12/2017; **(4 347 empresas)**
- Estado: Ativa; **(1 661 empresas)**
- Todas as empresas com valores conhecidos para os anos 2022, 2021, 2020, 2019 e 2018, relativamente aos rácios mencionados no ponto 3.3. **(1 082 empresas)**

De entre as várias tipologias de empreendimentos turísticos e de restauração, para o estudo optou-se por escolher apenas os estabelecimentos hoteleiros com restaurantes e

restaurantes no centro de Portugal, para se obter um conjunto de dados o mais homogéneo e fiável possível.

Outros aspetos, considerados importantes para a recolha da base de dados, foi nomeadamente o facto de a constituição destas empresas ser somente até ao dia trinta e um de dezembro de dois mil e dezassete, ou seja, as empresas em estudo já estarem a operar nos anos anteriores ao estudo e também, estas estarem ativas.

Por fim, optou-se por restringir a base de dados às empresas que apresentavam valores conhecidos dos rácios mencionados, para todos os anos em estudo.

À medida que foram adicionados os filtros referidos anteriormente, o conjunto de empresas foi diminuindo, pelo que, no final da pesquisa a lista de resultados apresentava 1 082 empresa, que correspondem a 113 estabelecimentos hoteleiros com restaurantes e a 969 restaurantes.

Após a recolha efetuada nesta base de dados, foi necessário recorrer ao IBM SPSS 26, para excluir da amostra as empresas que tinham um tempo médio de rotação de inventários superior a 365 dias, uma vez que estamos a tratar empresas da área da restauração que utilizam produtos com um prazo validade reduzido. Foi efetuada esta restrição para que algumas empresas com valores anormais não influenciassem os resultados. Assim, obtivemos uma amostras de 1034 empresas. Também com o recurso àquele programa estatístico, foi efetuada a divisão da amostra em dois grupos: um com empresas com capitais próprios médios positivos; e outro grupo com empresas com capitais próprios médios negativos. Assim, ficaram 779 e 255 empresas, respetivamente. Esta divisão foi realizada para que a análise dos resultados, uma vez que são trabalhados valores médios, sejam interpretados o mais consistentemente possível, agrupando as empresas com dados relativamente mais semelhantes.

O tratamento quantitativo estatístico é realizado através do IBM SPSS 26, onde é utilizado o teste de comparação de médias de amostras emparelhadas. Este teste estuda se há relação entre as médias de uma amostra em tempos diferentes. No caso em estudo, a amostra será, os restaurantes e estabelecimentos hoteleiros com restauração, no Centro de Portugal, e os termos de comparação serão as médias dos rácios nos diferentes anos, pré-pandemia e pandemia. Assim se o resultado do teste de comparação de médias de amostras emparelhadas tiver o valor de *p-value* inferior a 0,05, significa existe relação entre a pandemia e a evolução dos rácios em estudo, caso o *p-value* seja superior a 0,05, significa que não existe relação entre

a pandemia e a evolução dos rácios. Para se realizar este teste estatístico é necessário formular hipóteses de investigação.

4.2. Formulação das hipóteses

O presente estudo tem como objetivo principal dar resposta à pergunta inicial "Terá a pandemia Covid-19 causado um impacto negativo a nível económico e financeiro no setor do turismo, nomeadamente nos restaurantes e estabelecimentos hoteleiros com restaurantes, no Centro de Portugal?"

Para melhor responder à questão principal é necessário recorrer a testes estatísticos. Segundo Laureano (2020) e Lapa (2021), cada vez mais os testes estatísticos são usados pelos gestores das organizações como instrumentos de análise e os resultados obtidos são critérios essenciais na tomada de decisão.

Como já referido anteriormente, é necessário recorrer à formulação de hipóteses.

H1: Não existe relação entre a pandemia Covid-19 e o desempenho económico-financeiro a nível dos rácios de liquidez.

H2: Não existe relação entre a pandemia Covid-19 e o desempenho económico-financeiro a nível dos rácios de estrutura.

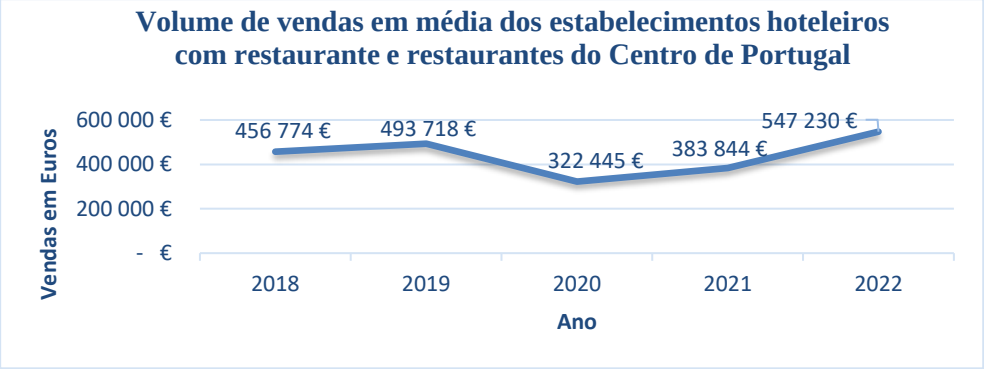
H3: Não existe relação entre a pandemia Covid-19 e o desempenho económico-financeiro a nível dos rácios de rendibilidade.

H4: Não existe relação entre a pandemia Covid-19 e o desempenho económico-financeiro a nível dos rácios de funcionamento.

4.3. Análise dos dados e interpretação dos resultados

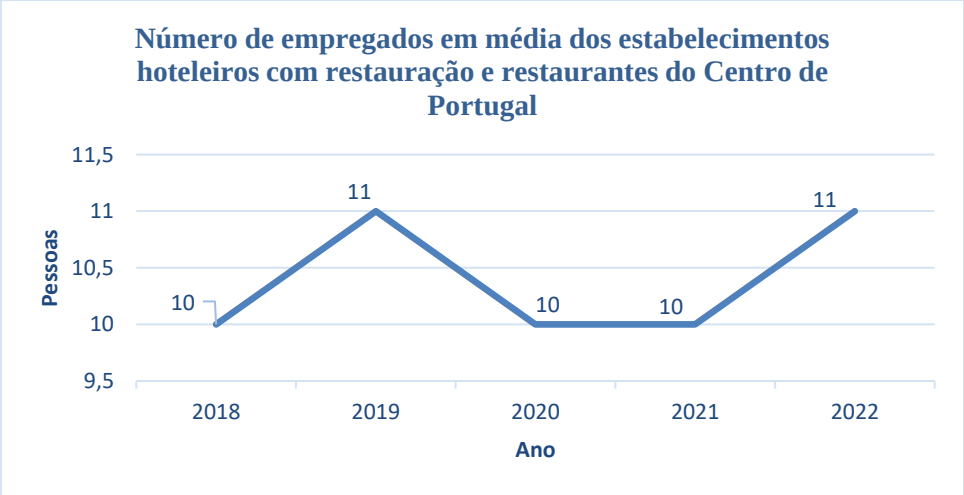
De acordo com a seleção da amostra, vamos interpretar os valores dos rácios em média de 1082 empresas, como já referido anteriormente estas empresas são estabelecimentos hoteleiros com restaurantes e restaurantes do Centro de Portugal. Contudo, primeiramente vamos apresentar a evolução das vendas e o número de empregados em média destes estabelecimentos no decorrer dos anos em estudo.

Gráfico 1 - Volume de vendas



Na Gráfico 1, verifica-se que as vendas estavam a ter uma evolução favorável até ao ano de 2019, ano pré-pandemia, que atingiu em média 493 718 euros, contudo em 2020 com a chegada da Covid-19, e com todas as restrições que Portugal estava a sofrer, o valor das vendas teve uma descida de 171 273 euros, que equivale a uma descida de aproximadamente 35%, relativamente ao ano 2019. Contudo, e como se pode ver, no ano 2021, as vendas cresceram em 61 399 euros. No último ano em estudo, obtém-se o pico máximo das vendas em média, que alcançou mais 53 512 euros do que o melhor ano anterior, 2019.

Gráfico 2 - Número de empregados



De acordo com a Gráfico 2, o número de empregados em média não sofreu muitas alterações. Com o crescimento do turismo em Portugal até 2019, o número de empregados em média também aumentou até a um máximo de 11. Contudo nos anos pandémicos, devido ao encerramento de muitos estabelecimentos, este valor diminuiu para 10 empregados em média. Estes valores não diminuíram mais devido às medidas de apoio ao emprego, pois as empresas que não despediram os trabalhadores, foram subsidiadas e outras optaram pelo lay-off. No

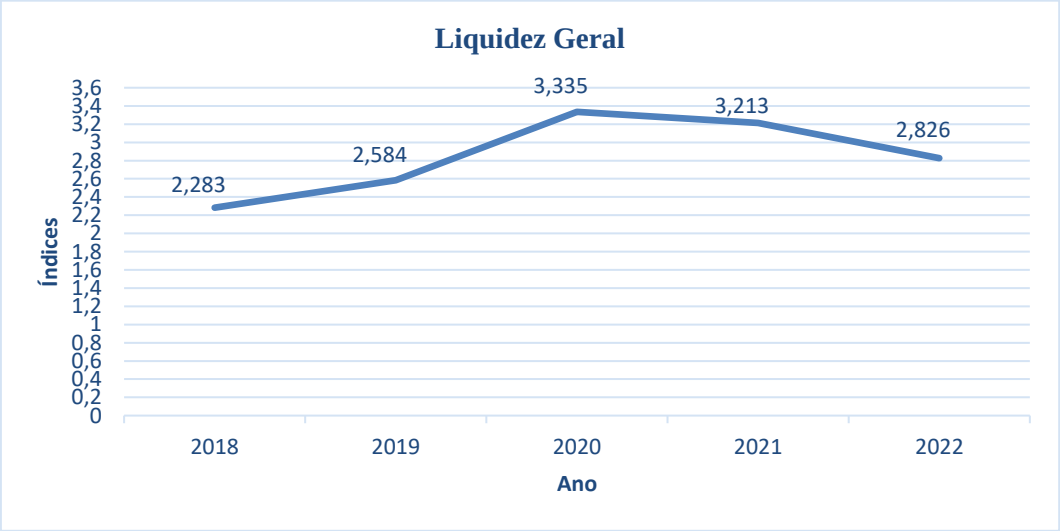
entanto em 2022, com o aumento do volume de vendas, também o número de empregados em média voltou a crescer para 11 empregados por estabelecimento.

Para estudar a relação da pandemia Covid-19 e o desempenho económico e financeiro utilizando os rácios de liquidez, de estrutura, de rendibilidade e de funcionamento, utilizou-se teste estatístico de comparação de médias de amostras emparelhadas, isto é, as empresas em estudo são sempre as mesmas, mas em momentos diferentes, o período pré-Covid-19 (2019) e o período Covid-19 (2020 e 2021).

Começando pela análise dos rácios de liquidez, mais detalhadamente o rácio de liquidez geral (Gráfico 3), verifica-se que o valor médio deste rácio aumentou de 2018 para 2019 e de 2019 para 2020, contudo este valor diminuiu de 2020 até 2022.

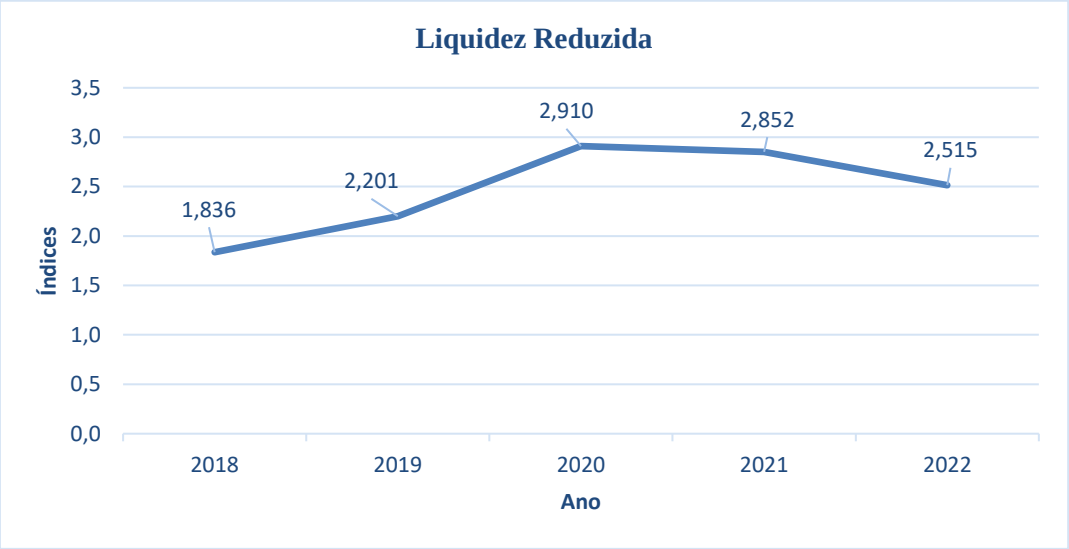
De salientar que estes valores médios encontram se sempre superiores a um, o que significa que as empresas em estudo não apresentam dificuldades em fazer face às dívidas de curto prazo.

Gráfico 3 - Liquidez Geral



De seguida, para uma análise mais detalhada, exclui-se os inventários do rácio anterior e assim obtém-se os valores médios da liquidez reduzida. Inevitavelmente, o valor dos inventários apresenta um valor com expressão negativa. Pelo que, o rácio de liquidez reduzida tem a mesma evolução que a liquidez geral, com um aumento de 2018 até 2020 e, uma diminuição de 2020 até 2022.

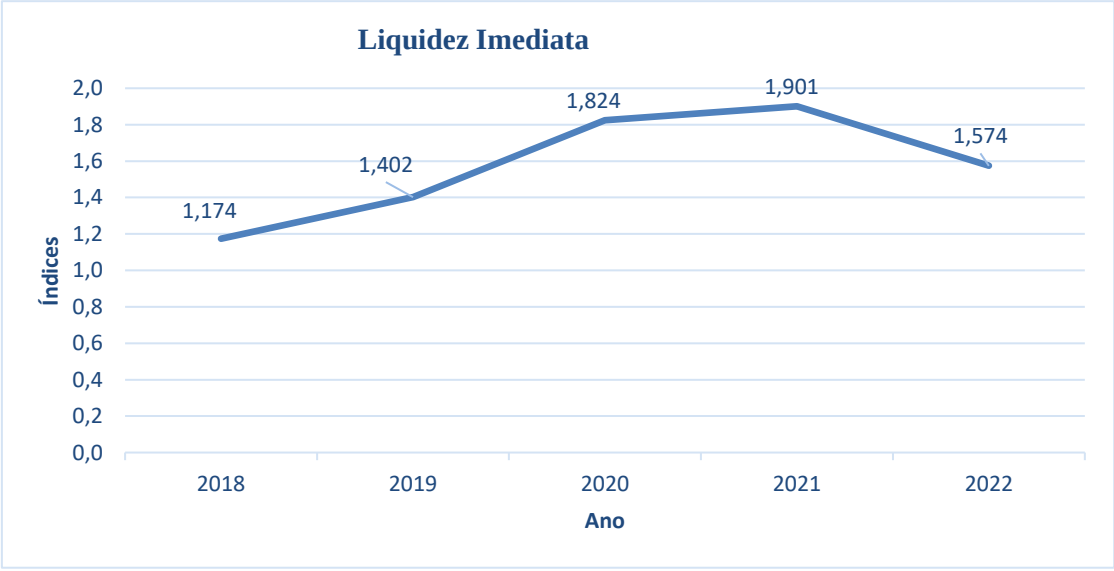
Gráfico 4 - Liquidez Reduzida



Os valores diminuíram um pouco em relação ao rácio da liquidez geral, contudo, encontrando-se sempre superiores a um, quer isto dizer, que mesmo não contando a valor dos inventários existentes, as empresas continuam a fazer face às suas dívidas de curto prazo.

Por último, na análise da capacidade imediata dos estabelecimentos hoteleiros com restaurantes e restaurantes cumprirem com as obrigações correntes é possível verificar que houve um aumento ano após ano, até 2021, contudo de seguida sofreu um decréscimo, mas mantendo sempre valores superiores a um.

Gráfico 5 - Liquidez Imediata



Ao que tudo indica, os estabelecimentos hoteleiros com restaurantes e os restaurantes no centro de Portugal, não apresentam problemas de tesouraria, apesar de ser evidente, um decréscimo geralmente no ano de 2020 e 2021, anos de pandemia. Para atestar que a pandemia teve influência no decréscimo dos rácios de liquidez, é apresentado o teste de comparação de médias de amostras emparelhadas na tabela seguinte.

Tabela 1 - Resultado do teste de amostras emparelhadas

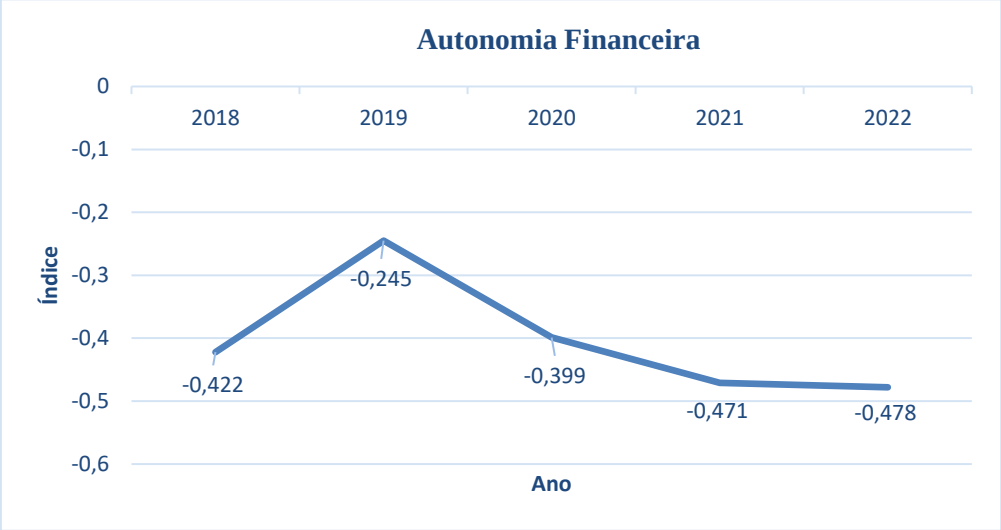
Liquidez Geral				
	2019 vs 2020		**2019 vs 2021**	
Média	2,584	3,335	2,584	3,213
Sig. (bilateral)	0,000		0,000	
Liquidez Reduzida				
	2019 vs 2020		**2019 vs 2021**	
Média	2,201	2,910	2,201	2,852
Sig. (bilateral)	0,000		0,000	
Liquidez Imediata				
	2019 vs 2020		**2019 vs 2021**	
Média	1,402	1,824	1,402	1,901
Sig. (bilateral)	0,000		0,000	

Como se pode verificar, tanto na liquidez geral, como na liquidez reduzida e também na liquidez imediata, a comparação em estudo apresenta o *p-value*, inferior a 0,05, quer isto dizer que se rejeita a hipótese nula, ou seja, rejeita-se a hipótese que diz que não existe relação entre a pandemia Covid-19 e o desempenho económico e financeiro a nível dos rácios de liquidez. Assim, é possível afirmar que a pandemia covid-19 afetou negativamente os rácios de liquidez dos estabelecimentos hoteleiros com restaurantes e os restaurantes no Centro de Portugal.

De seguida, vamos analisar os rácios de estrutura. Primeiramente, vamos analisar a autonomia financeira das empresas em estudo.

Como se pode ver no Gráfico 6, a autonomia financeira apresenta nos anos em estudo sempre valores negativos. Do ano 2018 para o ano 2019, verifica-se uma melhoria, contudo posteriormente este rácio decresceu até 2021, anos de pandemia, contudo, em 2022 obteve-se uma ligeira subida.

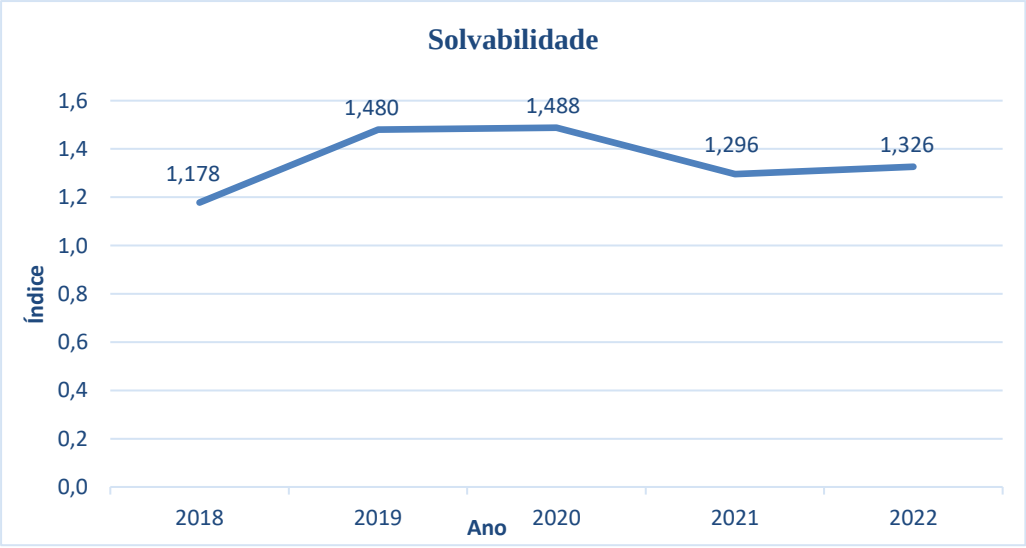
Gráfico 6 - Autonomia Financeira



Estes valores negativos de autonomia financeira, deve-se ao facto de em média as empresas apresentarem capitais próprios negativos, e, por conseguinte, tem um maior risco de negócio, tendo uma maior dependência por capitais alheios para financiar os seus ativos. Verifica-se que no ano 2019, a evolução dos capitais próprios estava a ser favorável, contudo nos anos pandémicos voltou a retrair.

De maneira a analisar a capacidade dos estabelecimentos hoteleiros com restaurantes e restaurantes do Centro de Portugal de solver os seus compromissos financeiros, prossegue-se a analise do rácio de solvabilidade, rácio este que relaciona os capitais próprios dos capitais alheios.

Gráfico 7 - Solvabilidade

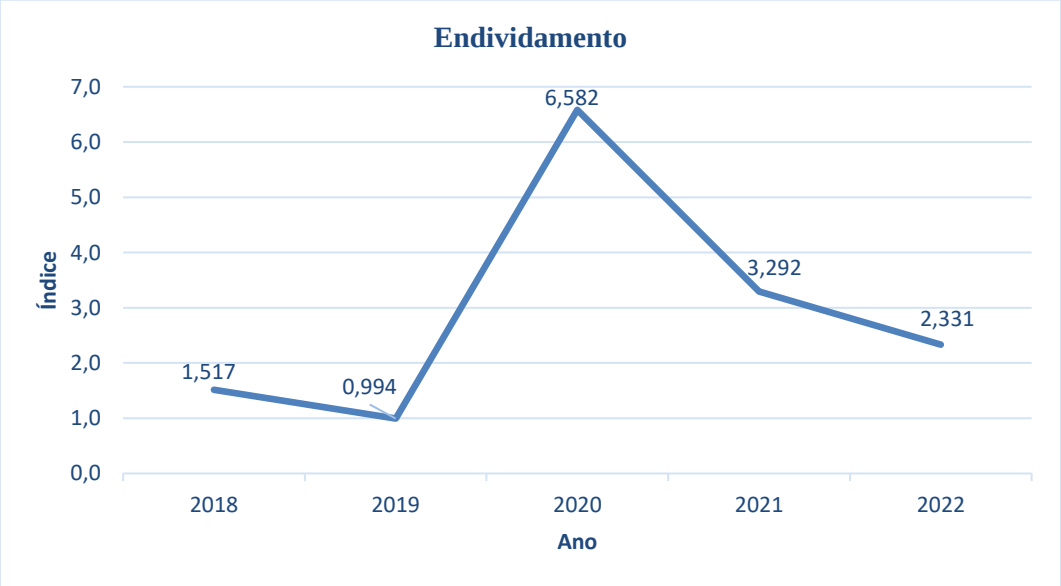


O rácio de solvabilidade é em média sempre superior a um, como mostra no Gráfico 7. Do ano 2018 até 2020 houve sempre um acréscimo dos valores, contudo foi mais considerável do ano 2018 para 2019, e muito insignificante para o ano 2020. De seguida para o ano 2021 houve um decréscimo, porém, a solvabilidade das empresas neste ano não atingiu valores baixos como o primeiro ano em análise, e em 2022 já é possível ver um pequeno aumento. O ano 2018, é o ano que apresenta o valor mais baixo de solvabilidade das empresas, de 1,178, isto significa que o capital próprio cobre 100% o passivo e possui ainda uma margem de segurança de 17,8%, valor este que transmite alguma confiança aos credores da empresa. Não esquecendo que todos os outros anos possuem uma maior margem de segurança.

Posto isto, é possível afirmar que, os estabelecimentos hoteleiros com restaurantes e restaurantes do Centro de Portugal, são capazes de cumprir as suas obrigações, apesar da sua exigibilidade.

Para finalizar a análise dos rácios de estrutura, segue-se a análise do endividamento. No gráfico 8, podemos verificar que em todos os momentos o rácio se encontra superior a um, quer isto dizer que, as dívidas excederam os recursos próprios, exceto no ano 2019 que se encontrava ligeiramente inferior a um. Podemos concluir que, os estabelecimentos hoteleiros com restaurantes e restaurantes no Centro de Portugal, possuem uma grande dependência a financiamentos externos.

Gráfico 8 - Endividamento



Na Tabela 4, é apresentado o resultado do estudo em relação aos rácios de estrutura.

Tabela 2 - Resultado do teste de amostras emparelhadas

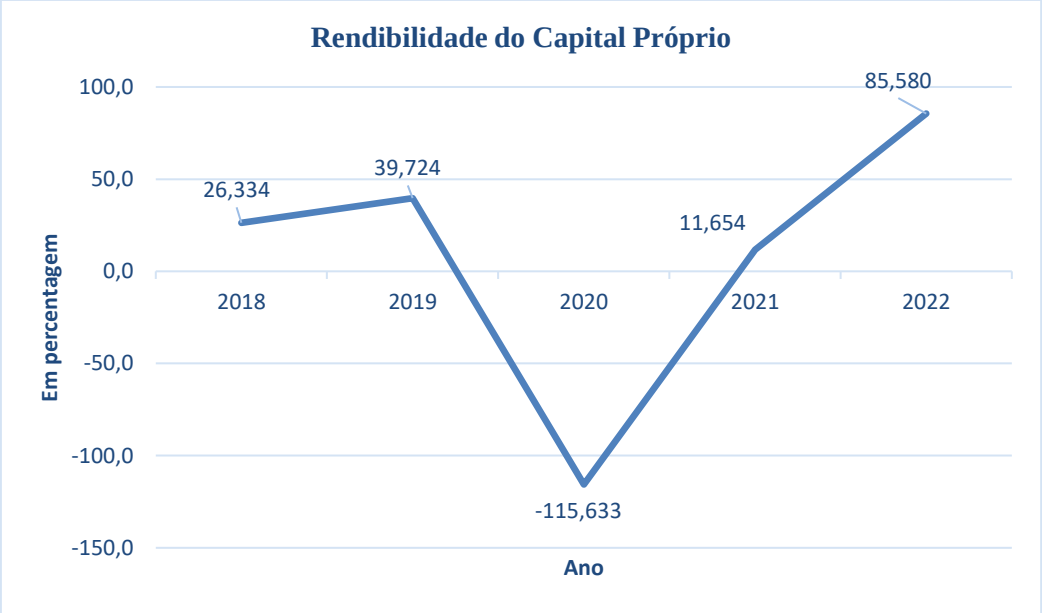
Autonomia Financeira				
	2019 vs 2020		**2019 vs 2021**	
Média	-0,245	-0,399	-0,245	-0,471
Sig. (bilateral)	0,001		0,001	
Solvabilidade				
	2019 vs 2020		**2019 vs 2021**	
Média	1,480	1,488	1,480	1,296
Sig. (bilateral)	0,939		0,093	
Endividamento				
	2019 vs 2020		**2019 vs 2021**	
Média	0,994	6,582	0,994	3,292
Sig. (bilateral)	0,149		0,364	

É possível verificar que apenas a autonomia financeira apresenta o *p-value* inferior a 0,05, ou seja, apenas se pode rejeitar a hipótese nula para o rácio da autonomia financeira, em que se confirma que existe relação entre a pandemia Covid-19 e o desempenho económico e financeiro a nível do rácio da autonomia financeira.

Quanto à solvabilidade e ao endividamento, aceita-se a hipótese nula, ou seja, não existe relação entre a pandemia Covid-19 e o desempenho económico e financeiro a nível dos rácios de solvabilidade e endividamento.

Posteriormente, vamos analisar os rácios de rendibilidade. Começando por analisar o rácio de rendibilidade do capital próprio, verifica-se que nos primeiros anos estava a ter uma evolução favorável, contudo no ano 2020 teve uma descida brusca atingindo o valor mais baixo durante todo o período de -115,633, apesar disso, nos anos seguintes conseguiu recuperar e no ano 2022 atingiu um valor muito superior ao atingido na pré-pandemia.

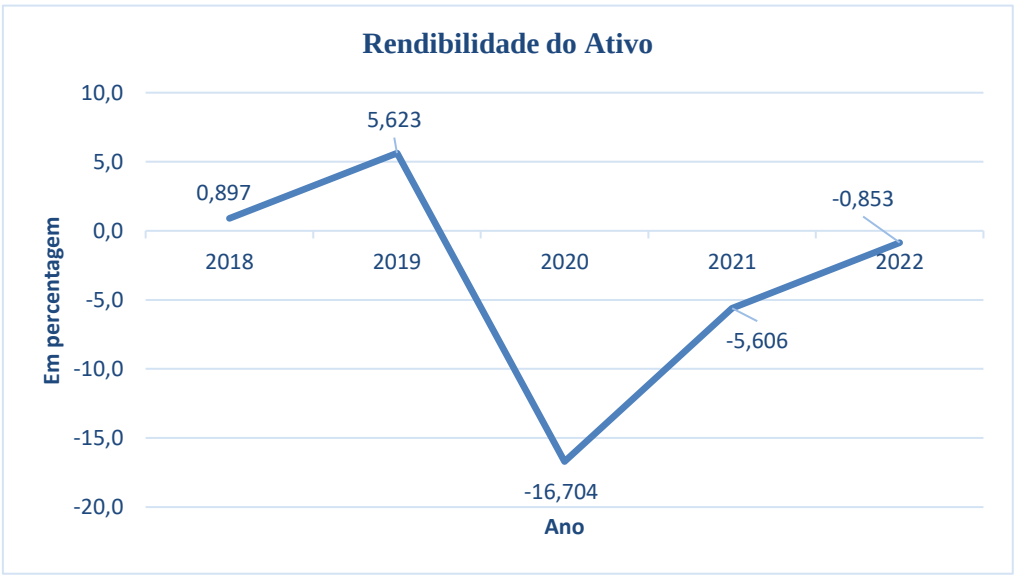
Gráfico 9 - Rendibilidade do Capital Próprio



O valor atingido em 2022, significa que em cada 100 euros de capital próprio as empresas apresentavam um lucro de 85 euros. Contudo, este valor não pode ser analisado por si só, pois as empresas que recorrem com muita frequência ao endividamento poderá aumentar a rendibilidade do capital próprio consideravelmente, e não aumentar a rentabilidade da empresa no seu todo.

De seguida, analisa-se a rendibilidade do ativo, este rácio avalia a eficiência e a capacidade de gestão dos ativos da empresa.

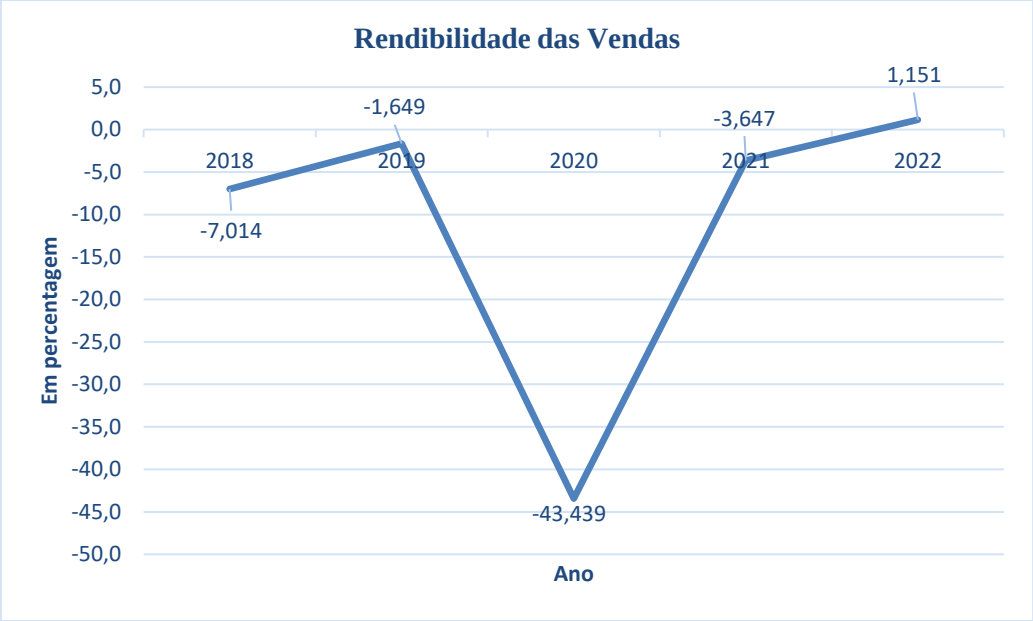
Gráfico 10 - Rendibilidade do Ativo



A linha de evolução da rendibilidade do ativo é muito semelhante à linha de evolução da rendibilidade dos capitais próprios, anteriormente analisados. Contudo, a rendibilidade dos ativos apresenta a partir do ano 2020 valores negativos, mas com uma evolução favorável. Em 2019, a rendibilidade do ativo atingiu o máximo dos anos em estudo, o valor de 5,623 significa que em cada 100 euros de ativos da empresa gera um lucro de 5,6 euros, quanto maior for este valor, mais eficiente é a empresa.

Quanto a rendibilidade das vendas, a linha de evolução é idêntica às anteriores como é evidente no gráfico 11.

Gráfico 11 - Rendibilidade das Vendas



Atingindo um pico mínimo em 2020, com um valor de -43,439. Apenas no ano 2022, este rácio conseguiu atingir um valor positivo, o qual significa que em cada 100 euros de vendas, a empresa obtém um lucro de 1,151 euros. Pode-se afirmar que em média as empresas em estudo, antes de 2022, não conseguiam obter lucro com as vendas.

Em suma, após análise do Tabela 5, verifica-se que nem todos os rácios de rendibilidade das empresas têm influência da pandemia Covid-19.

Tabela 3 - Resultado do teste de amostras emparelhadas

Rendibilidade do Capital Próprio				
	2019 vs 2020		**2019 vs 2021**	
Média	39,724	-115,633	39,724	11,654
Sig. (bilateral)	0,015		0,063	
Rendibilidade do Ativo				
	2019 vs 2020		**2019 vs 2021**	
Média	5,623	-16,704	5,623	-5,606
Sig. (bilateral)	0,000		0,000	
Rendibilidade das Vendas				
	2019 vs 2020		**2019 vs 2021**	
Média	-1,649	-43,439	-1,649	-3,647
Sig. (bilateral)	0,103		0,620	

Tendo em atenção ao teste estatístico de comparação de médias de amostras emparelhadas, verifica-se que quanto à rendibilidade dos Capitais Próprios, do ano 2019 para 2020 existe relação entre a pandemia Covid-19 e o desempenho económico financeiro, pois o *p-value* é inferior a 0,05. O mesmo não acontece no ano 2019 para 2021 em que o *p-value* é superior a 0,05 e daí conclui-se que não existe relação entre a pandemia e o desempenho económico financeiro.

No que diz respeito à rendibilidade do ativo, o *p-value* é inferior a 0,05, em ambos os anos, logo rejeita-se a hipótese nula, ou seja, conclui-se que existe relação entre a pandemia Covis-19 e o desempenho económico financeiro a nível dos rácios de rendibilidade do ativo.

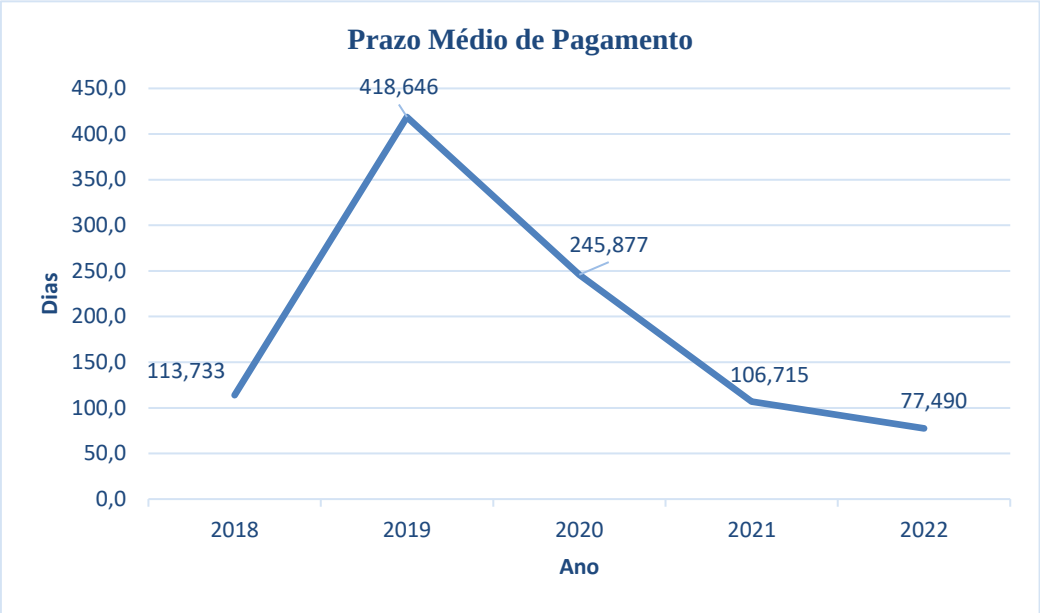
Por último, é apresentado a rendibilidade das Vendas, em que o teste estatístico apresenta valores superiores a 0,05, logo aceita-se a hipótese nula, em que se verifica que não existe relação entre a pandemia Covid-19 e o desempenho económico financeiro a nível do rácio de rendibilidade das vendas.

Por fim, são apresentados os rácios de funcionamento. Um melhor desempenho das empresas será uma maior rotação de inventários e uma diminuição dos prazos médios de pagamentos e de recebimentos.

Primeiramente, analisamos os prazos médios de pagamentos. Na figura seguinte verifica-se que de 2019 até 2022 houve uma diminuição de 341 dias, ou seja, em 2019 as empresas conseguiam pagar aos seus fornecedores em 418,6 dias, e em 2022 verifica-se que as mesmas empresas já conseguiam fazer os pagamentos em 78 dias. Esta evolução é favorável

para as empresas que liquidam as suas dívidas mais rapidamente e para os fornecedores que recebem dos clientes em pouco mais de dois meses e meio.

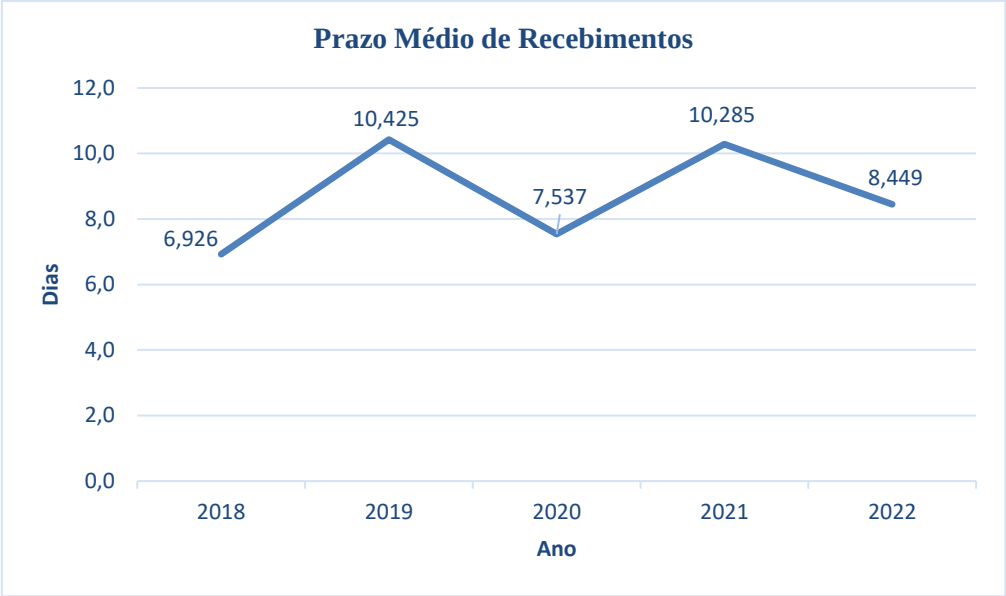
Gráfico 12 - Prazo médio de pagamento



No Gráfico 12, é possível perceber que em 2021, ano considerado pandemia, o prazo médio de pagamentos atingiu um valor inferior ao conseguido em 2018, ano pré pandemia, o que indica que apesar da pandemia instalada em Portugal os estabelecimentos hoteleiros com restaurantes e restaurantes no centro de Portugal, conseguiam cumprir as suas obrigações perante os fornecedores num prazo mais curto do que o conseguido anteriormente.

Quanto ao prazo médio de recebimentos, verifica-se uma instabilidade de ano para ano, contudo a diferença máxima que existe do ano em que o prazo médio de recebimentos é maior (2019) para o ano em que o prazo médio de recebimentos é menor (2018) só existe uma diferença de apenas 4 dias.

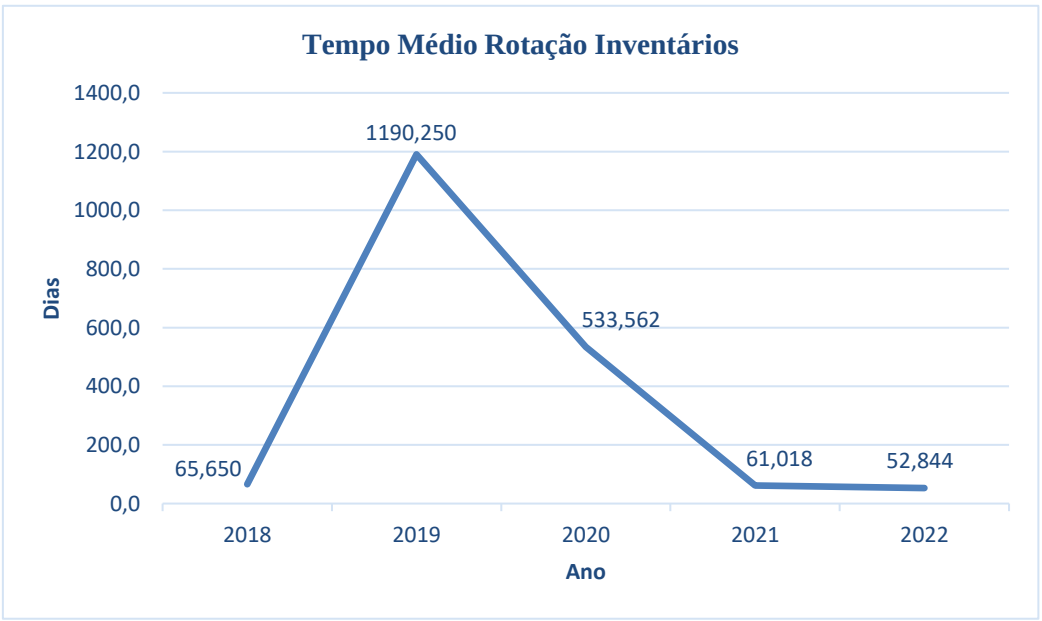
Gráfico 13 - Prazo médio de recebimentos



Os valores evidenciados no Gráfico 13, são relativamente baixos, o que significa que os estabelecimentos hoteleiros com restaurantes e restaurantes no Centro de Portugal, possui uma grande eficiência na cobrança aos seus clientes. O facto deste rácio ser consideravelmente menor que o prazo medio de pagamento evidencia que as empresas em causa recebem dos seus clientes antes de pagarem as dívidas aos fornecedores.

Por último, a análise do tempo médio da rotação de inventários, indica por quanto tempo os inventários se mantêm na posse das empresas sem serem vendidos.

Gráfico 14 - Tempo médio Rotação Inventários



Verifica-se que no ano 2019 existe um pico máximo da rotação de inventários, significa que os inventários no ano de 2019 permaneceram em média 1190 dias no armazém das empresas desde que foi comprado até que foi vendido. No ano 2020, o tempo médio de rotação de inventários também é considerado elevado, acredita-se que este valor se deve ao facto de as vendas terem diminuído, pelo aparecimento da pandemia Covid-19.

Contudo nos anos seguintes estes valores sofreram um decréscimo notório, o que significa que o tempo de renovação dos inventários diminuiu, atingindo 53 dias em 2022.

Para concluir, e tal como já era previsto através da análise dos rácios de funcionamento, o teste estatístico de comparação de médias em amostras emparelhadas, comprova que a evolução destes rácios não tem qualquer relação com a pandemia Covid-19, como mostra na Tabela 6.

Tabela 4 - Resultado do teste de amostras emparelhadas

Prazo Médio de Pagamentos				
	2019 vs 2020		**2019 vs 2021**	
Média	418,646	245,877	418,646	106,715
Sig. (bilateral)	0,625		0,377	
Prazo Médio de Recebimentos				
	2019 vs 2020		**2019 vs 2021**	
Média	10,425	7,537	10,425	10,285
Sig. (bilateral)	0,413		0,949	
Tempo Médio Rot. Inventários				
	2019 vs 2020		**2019 vs 2021**	
Média	1190,25	533,562	1190,25	61,018
Sig. (bilateral)	0,567		0,297	

Verifica-se que os três rácios de funcionamento estudados, apresentam um *p-value* superior a 0,05, o que leva a concluir que se aceita a hipótese nula. Isto é, não existe relação entre a pandemia Covid-19 e o desempenho económico-financeiro a nível dos rácios de funcionamento.

Após a análise dos dados, para que não haja enviesamento dos resultados optou-se por reformular a base de dados.

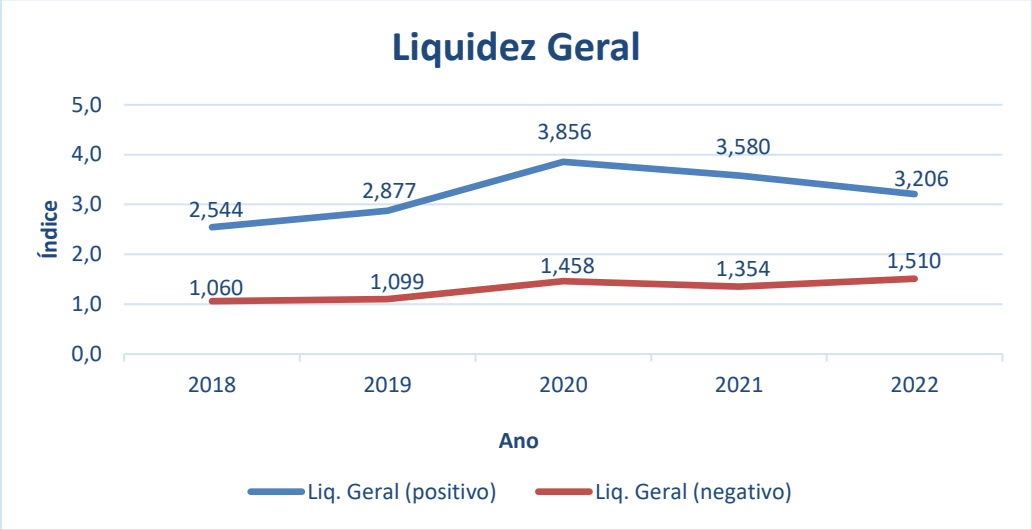
Perante a análise dos indicadores económicos e financeiros das empresas selecionadas, foi necessário restringir a amostra em estudo, classificando os seus dados de forma diferenciada para que algumas empresas com valores considerados anormais não enviesassem os resultados. Como existem empresas com valores muito negativos e outras com valores muito positivos, foi necessário dividir a amostra em dois grupos para uma melhor interpretação e análise dos resultados. Assim, optou-se por selecionar as empresas que têm o tempo médio de rotação dos inventários inferior a 365 dias, visto que neste setor é absurdo haver situações em que a rotação média de inventários é, por exemplo, de 1190 dias. São valores incompreensíveis para empresas da área de restauração, sendo que os inventários são bens alimentares com prazos de validade, em muitos casos, muito curtos. Assim, obteve-se uma base de dados de 1034 empresas.

Posteriormente, dividiram-se as empresas em dois grupos: empresas com capitais próprios positivos; e empresas com capitais próprios negativos. Esta divisão foi efetuada através do cálculo da média dos capitais próprios por empresa e dos cinco anos. Obtiveram-se 255 empresas com capitais próprios negativos e 779 empresas com capitais próprios positivos. Esta seleção foi efetuada com o recurso ao programa estatístico SPSS.

Através da nova configuração da base de dados, são analisados e interpretados os rácios económicos e financeiros.

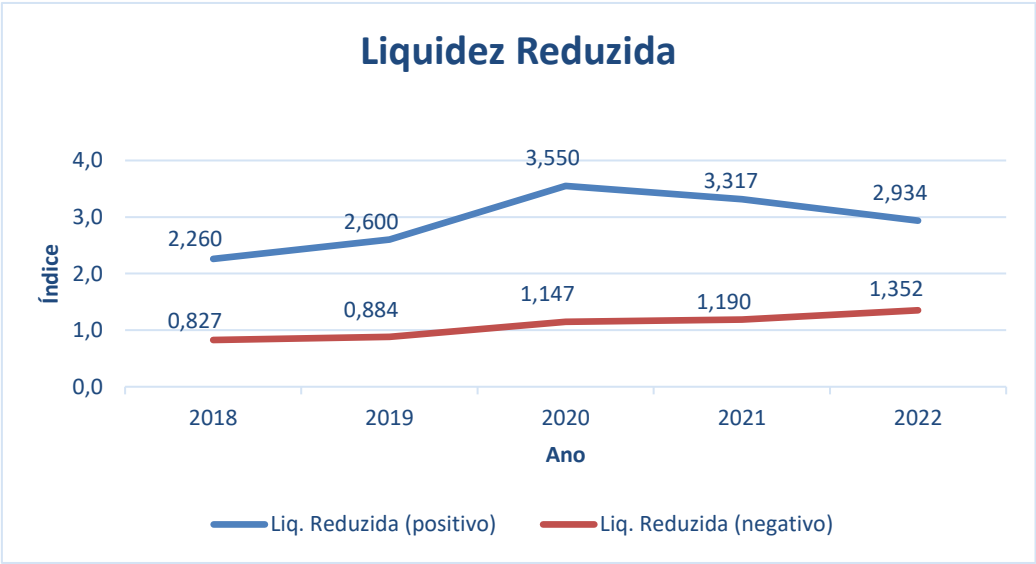
Começando pela análise dos rácios de liquidez, mais concretamente pelo rácio de liquidez geral, conforme Gráfico 15, observa-se que, em média os valores encontram-se sempre superiores a um, tanto nas empresas com capitais próprios positivos como negativos. Quer isto dizer que as empresas em estudo conseguem fazer face as suas dívidas a curto prazo. Contudo, nas “empresas positivas”, a liquidez geral é bastante mais elevada. Estas empresas apresentam muito menos dificuldades de fazer face as obrigações a curto prazo.

Gráfico 15 - Liquidez Geral



De seguida, na liquidez reduzida (Gráfico 16), onde se excluem os inventários, considerados no rácio, verifica-se a mesma evolução em relação a liquidez geral. Nas "empresas positivas" verifica-se um crescimento entre 2018 e 2020, onde obteve um valor máximo do rácio de liquidez em 2020 quando comparada aos restantes anos em estudo. Contudo nas "empresas negativas", a liquidez reduzida tem um crescimento continuo.

Gráfico 16 - Liquidez Reduzida

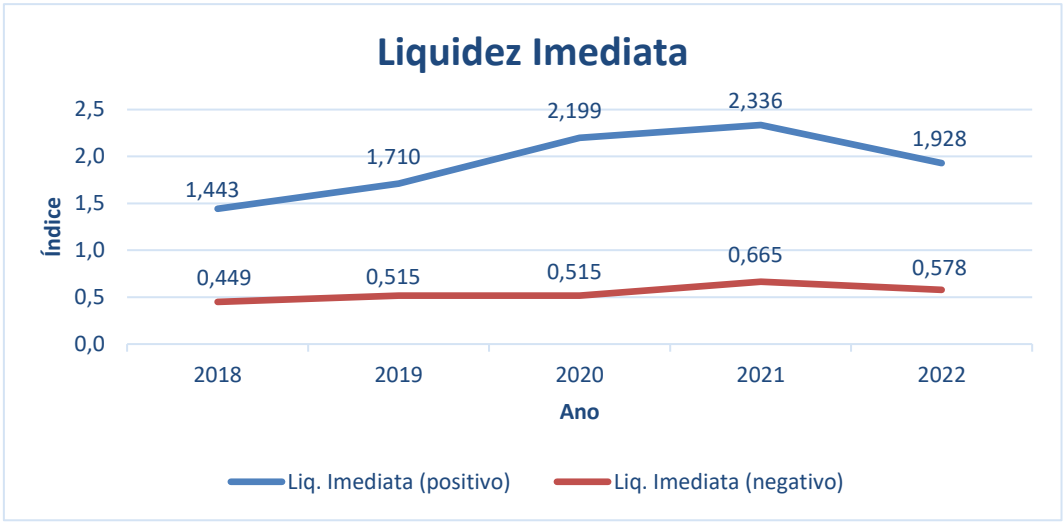


Nas "empresas positivas", mesmo retirando os valores dos inventários, o rácio é superior a um, o que significa que conseguem fazer face às suas dívidas de curto prazo. O mesmo não acontece com as "empresas negativas" em 2018 e 2019, em que os valores da liquidez reduzida

se encontra inferior a um, não tendo condições para fazerem face às dívidas de curto prazo, não considerando o valor dos inventários.

Por último, na análise da liquidez imediata (Gráfico 17), as "empresas negativas", obtiveram um rácio sempre inferior a um, significa isto que, os estabelecimentos hoteleiros com restaurantes e restaurantes, com capitais próprios negativos, não conseguem cumprir com as obrigações correntes, como seria expectável. Porém, nas empresas com capitais próprios positivos, conseguem, ao longo dos anos em estudo, cumprir com as suas obrigações correntes. Estas empresas tiveram um crescimento continuo até 2021, apenas sofreram uma diminuição em 2022, apesar dos valores continuarem a ser muito positivos.

Gráfico 17 - Liquidez Imediata



Tal como era espectável, os restaurantes e estabelecimentos hoteleiros com restaurantes que tem capitais próprios negativos, apresentam mais dificuldades em fazer face às suas obrigações. Quanto aos estabelecimentos com capitais próprios positivos, não apresentam problemas de tesouraria, apesar de ser evidente nos gráficos 15, 16 e 17, uma diminuição nos anos 2021 e 2022, anos de pandemia e pós pandemia. Para confirmar que a pandemia teve impacto no decréscimo dos rácios de liquidez, é apresentado o teste de comparação de médias de amostras emparelhadas, nas tabelas seguintes.

Tabela 5 - Resultados do teste de amostras emparelhadas

Positivos				
Liquidez Geral				
	2019 vs 2020		**2019 vs 2021**	
Média	2,877	3,856	2,877	3,580
Sig. (bilateral)	0,000		0,000	
Liquidez Reduzida				
	2019 vs 2020		**2019 vs 2021**	
Média	2,600	3,550	2,600	3,317
Sig. (bilateral)	0,000		0,000	
Liquidez Imediata				
	2019 vs 2020		**2019 vs 2021**	
Média	1,710	2,199	1,710	2,336
Sig. (bilateral)	0,000		0,000	

A Tabela 5 evidencia os resultados do teste de comparação de médias de amostras emparelhadas dos rácios de liquidez das empresas com capitais próprios positivos. Este estudo apresenta o *p-value* inferior a 0,05, significa que se rejeita a hipótese nula, ou seja, rejeita-se a hipótese que diz que não existe relação entre a pandemia Covid-19 e o desempenho económico e financeiro e nível dos rácios de liquidez. Verifica-se assim, que a pandemia Covid-19 afetou negativamente os restaurantes e estabelecimentos hoteleiros com restaurante, no Centro de Portugal, a nível de liquidez.

A Tabela 6 evidencia os resultados do teste de comparação de médias de amostras emparelhadas dos rácios de liquidez das empresas com capitais próprios negativos.

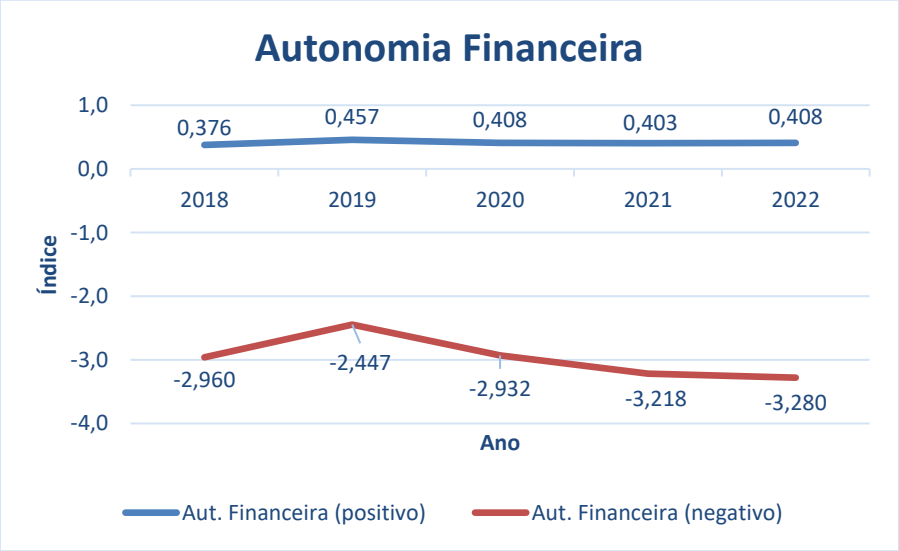
Tabela 6 - Resultados do teste de amostras emparelhadas

Negativos				
Liquidez Geral				
	2019 vs 2020		**2019 vs 2021**	
Média	1,099	1,458	1,099	1,354
Sig. (bilateral)	0,090		0,156	
Liquidez Reduzida				
	2019 vs 2020		**2019 vs 2021**	
Média	0,884	1,147	0,884	1,190
Sig. (bilateral)	0,081		0,077	
Liquidez Imediata				
	2019 vs 2020		**2019 vs 2021**	
Média	0,515	0,515	0,515	0,665
Sig. (bilateral)	0,998		0,282	

Neste grupo de empresas, o teste de comparação de médias de amostras emparelhadas, apresenta resultados com o *p-value* superior a 0,05, tanto na liquidez geral, como na liquidez reduzida, como na liquidez imediata. Significa que não se rejeita a hipótese nula, ou seja, não existe relação entre a pandemia Covid-19 e o desempenho económico e financeiro deste grupo de estabelecimentos, a nível de liquidez.

Segue-se a análise dos rácios de estrutura, iniciando com a autonomia financeira das empresas.

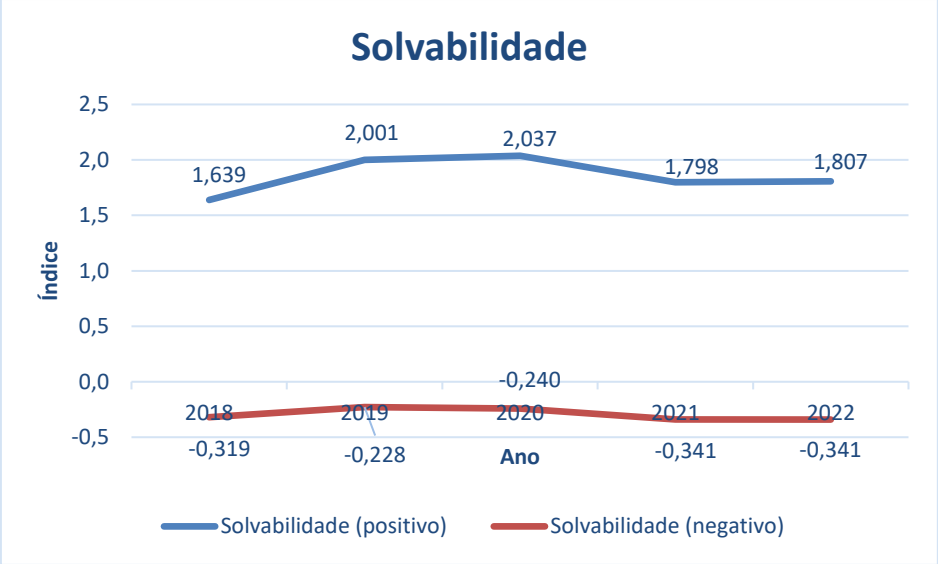
Gráfico 18 - Autonomia Financeira



Como se pode verificar no Gráfico 18, a autonomia financeira das "empresas positivas" apresenta sempre valores positivos e constantes. Contrariamente, as "empresas negativas" apresentam sempre valores negativos. Neste último grupo, nota-se uma melhoria no ano 2019, contudo nos anos seguintes volta a sofrer uma queda nos anos de pandemia. Obteve uma ligeira melhoria em 2022. Os restaurantes e estabelecimentos hoteleiros com restaurante em questão, apresentam um maior risco de negócio e têm uma maior dependência de capitais alheios para financiar os seus ativos.

Com o rácio de solvabilidade, analisa-se a capacidade dos restaurantes e estabelecimentos hoteleiros com restaurante do Centro de Portugal, de solver os seus compromissos financeiros.

Gráfico 19 - Solvabilidade



No Gráfico 19, verifica-se que as empresas com capitais próprios positivos, apresentam um rácio superior a um. De 2018 a 2020, este valor cresceu consideravelmente. Contudo, este rácio sofreu uma queda no ano 2021, ano de pandemia, mas não atingiu valores tão baixos quanto o primeiro ano em análise. Em 2022, verifica-se uma ligeira subida para 1,807. Este valor significa que o capital próprio cobre a 100% o passivo. Além disso, possui ainda uma margem de segurança de 80%, valor este que transmite muita confiança aos credores da empresa.

Porém, no Gráfico 19, também se observa a solvabilidade das empresas com capitais próprios negativos, e como seria de esperar, os valores deste rácio são sempre negativos uma vez que os seus capitais próprios também são negativos. Ou seja, esta empresa não tem

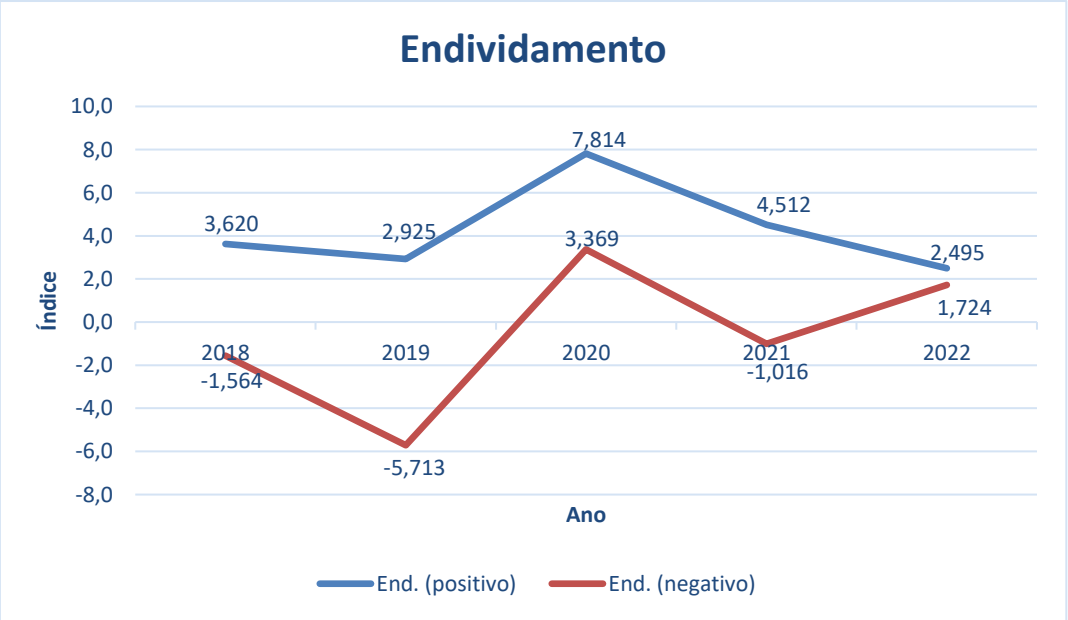
capacidade de cumprir com as suas obrigações a médio e longo prazo. Estão sempre dependentes de capital alheio, enquanto tiverem a confiança dos diferentes *stakeholders*.

Por fim, no Gráfico 20, observa-se o rácio de endividamento dos restaurantes e estabelecimentos hoteleiros com restaurantes, do Centro de Portugal.

No grupo das "empresas positivas", o rácio de endividamento apresenta-se sempre superior a um, apesar de sofrer bastantes oscilações durante o período em estudo. Estes valores significam que as dívidas excederam os recursos próprios. Estas empresas atingiram um máximo em 2020, ano de pandemia, contudo, em 2022 já se encontra com valores bastante mais inferiores.

Quanto as "empresas negativas", este rácio apresenta também muitas oscilações, sendo que no ano 2018, 2019 e 2021 apresenta valores negativos. Significa que o endividamento empresarial é bastante elevado em relação ao património da empresa. Conclui-se que os restaurantes e estabelecimentos hoteleiros com restaurantes no Centro de Portugal, possuem uma grande dependência de financiamentos externos.

Gráfico 20 - Endividamento



Na Tabela 7 é apresentado o resultado do teste de comparação de médias de amostras emparelhadas em relação aos rácios de estrutura.

Tabela 7 - Resultados do teste de amostras emparelhadas

Positivos				
Autonomia Financeira				
	2019 vs 2020		**2019 vs 2021**	
Média	0,457	0,408	0,457	0,403
Sig. (bilateral)	0,000		0,000	
Solvabilidade				
	2019 vs 2020		**2019 vs 2021**	
Média	2,001	2,001	2,001	1,798
Sig. (bilateral)	0,764		0,119	
Endividamento				
	2019 vs 2020		**2019 vs 2021**	
Média	2,925	7,814	2,925	4,512
Sig. (bilateral)	0,093		0,194	

No que diz respeito aos estabelecimentos com capitais próprios positivos, apenas o rácio da autonomia financeira apresenta um *p-value* inferior a 0,05. Significa que apenas para este rácio se pode rejeitar a hipótese nula, confirmando-se que existe uma relação entre a pandemia Covid-19 e o desempenho económico e financeiro.

Quanto ao rácio da solvabilidade e do endividamento, aceita-se a hipótese nula, ou seja, não existe relação entre a pandemia e o desempenho destes rácios.

No que concerne aos estabelecimentos com capitais próprios negativos, a autonomia financeira também apresenta um resultado do *p-value* inferior a 0,05, e ainda a solvabilidade no ano de comparação 2019-2021. Ou seja, neste grupo de empresas, pode-se afirmar que houve relação da pandemia Covid-19 com o desempenho económico e financeiro da autonomia financeira e da solvabilidade num dos anos em comparação.

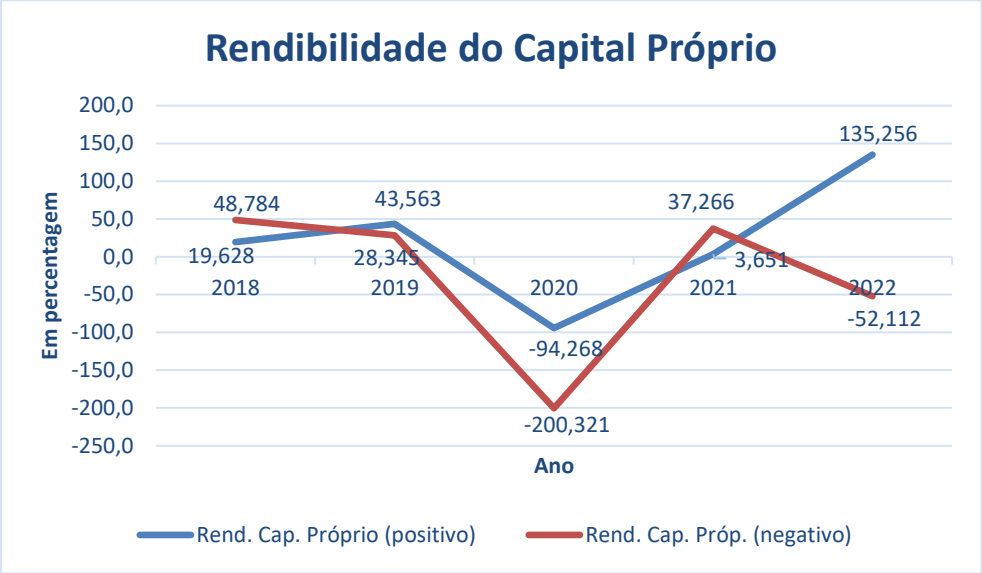
Tabela 8 - Resultados do teste de amostras emparelhadas

Negativos				
Autonomia Financeira				
	2019 vs 2020		**2019 vs 2021**	
Média	-2,447	-2,932	-2,447	-3,218
Sig. (bilateral)	0,013		0,006	
Solvabilidade				
	2019 vs 2020		**2019 vs 2021**	
Média	-0,228	-0,240	-0,228	-0,341
Sig. (bilateral)	0,873		0,015	
Endividamento				
	2019 vs 2020		**2019 vs 2021**	
Média	-5,713	3,369	-5,713	-1,016
Sig. (bilateral)	0,512		0,640	

De seguida, vamos analisar os rácios de rendibilidade.

No rácio de rendibilidade do capital próprio, verifica-se uma grande oscilação tanto nas "empresas positivas" como nas "empresas negativas". As empresas com capitais próprios positivos, apesar da queda que sofreram em 2020, estão a recuperar consideravelmente, visto que em 2022 atingiu valores nunca atingidos. Nas empresas com capitais próprios negativos, não têm a mesma linha de evolução visto que em 2021 conseguiram recuperar a rendibilidade para 37%. Isto significa que em cada 100 euros de capital próprio as empresas apresentam 37 euros de lucro. Contudo em 2022, este rácio volta a cair para valores negativos.

Gráfico 21- Rendibilidade do Capital Próprio

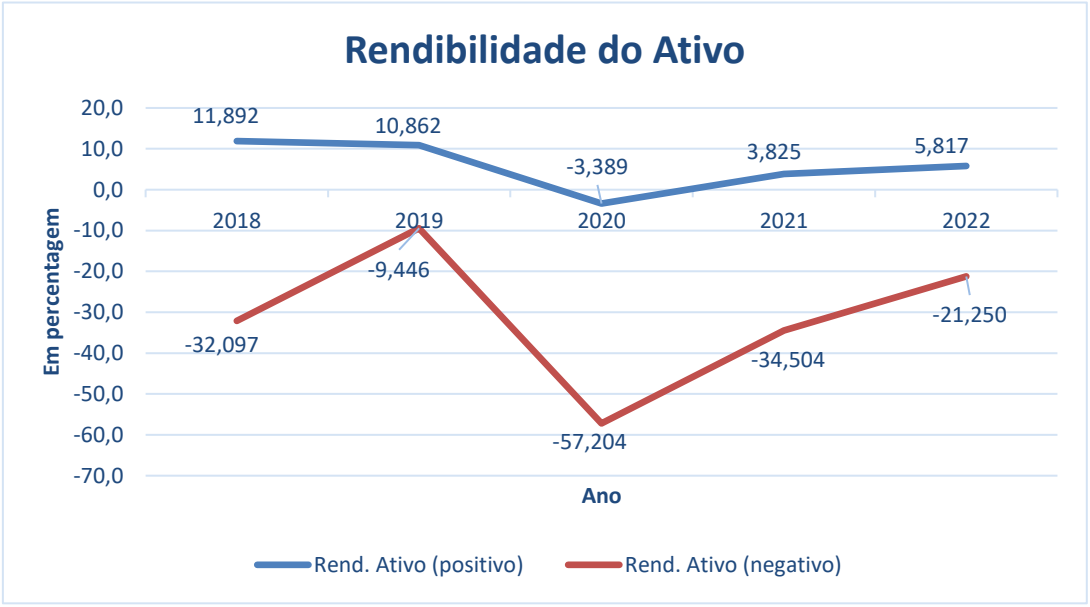


No Gráfico 22, é analisado a rendibilidade do ativo, evidenciando a eficiência e a capacidade de gestão dos ativos da empresa.

As empresas com capitais próprios positivos, apresentam uma rendibilidade do ativo positiva, à exceção do ano 2020, ano em que sofreu uma queda considerável. Após este ano de pandemia, a evolução é favorável, atingindo em 2022 um valor de 5,817%. Este valor significa que em cada 100 euros de ativos da empresa gera um lucro de 5,8 euros. Conclui-se que quanto maior é este valor maior é a eficiência da empresa.

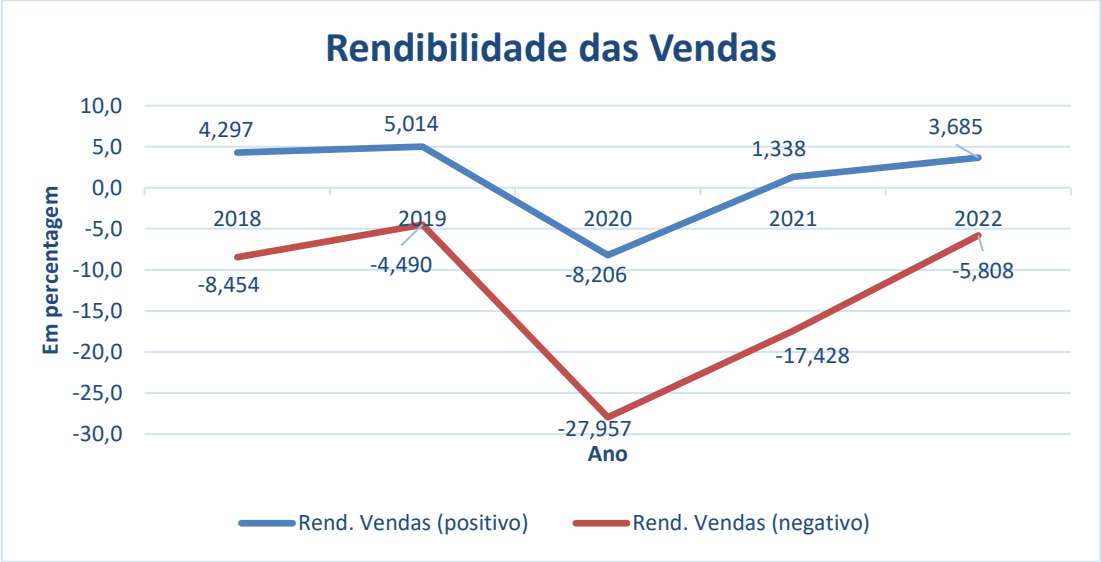
Quanto às empresas com capitais próprios negativos, o rácio apresenta sempre valores negativos, o que significa que estas empresas não conseguem gerar lucro com os seus ativos, como expectável.

Gráfico 22 - Rendibilidade do Ativo



Na rendibilidade das vendas, a evolução é idêntica à dos gráficos anteriores, como se pode constatar no Gráfico 23.

Gráfico 23 - Rendibilidade das Vendas



Em relação as empresas com capitais próprios positivos, o único ano em que apresentam rendibilidade das vendas negativa, é no ano 2020, ano de pandemia. No ano 2022, já se consegue ver uma grande recuperação destas empresas, atingindo 3,685%. Significa que em cada 100 euros de vendas, a empresa obtém um lucro de 3,7 euros. Segundo o Gráfico 23, as empresas com capitais próprios negativos não conseguiram obter lucro com as vendas.

A Tabela 9 e na Tabela 10, verifica se a pandemia Covid-19 teve influência ou não nos rácios de rendibilidade.

Tabela 9 - Resultados do teste de amostras emparelhadas

Positivos				
Rendibilidade do Capital Próprio				
	2019 vs 2020		**2019 vs 2021**	
Média	43,563	-94,268	43,563	3,651
Sig. (bilateral)	0,006		0,023	
Rendibilidade do Ativo				
	2019 vs 2020		**2019 vs 2021**	
Média	10,862	-3,389	10,862	3,825
Sig. (bilateral)	0,000		0,000	
Rendibilidade das Vendas				
	2019 vs 2020		**2019 vs 2021**	
Média	5,014	-8,206	5,014	1,338
Sig. (bilateral)	0,000		0,000	

Nas empresas com capitais próprios positivos, segundo o teste de comparação de médias de amostras emparelhadas, a pandemia Covid-19 teve influência no desempenho económico e financeiro nos rácios de rendibilidade, uma vez que todos os resultados foram inferiores a 0,05.

Nas empresas com capitais próprios negativos, temos resultados diferentes.

A rendibilidade do capital próprio apresenta *p-values* superiores a 0,05, o que significa que não houve relação da pandemia Covid-19 com o desempenho económico e financeiro da rendibilidade do capital próprio. Porém, O teste de comparação de médias de amostras emparelhadas evidencia que a pandemia Covid-19 teve influência no desempenho económico e financeiro da rendibilidade do ativo e das vendas.

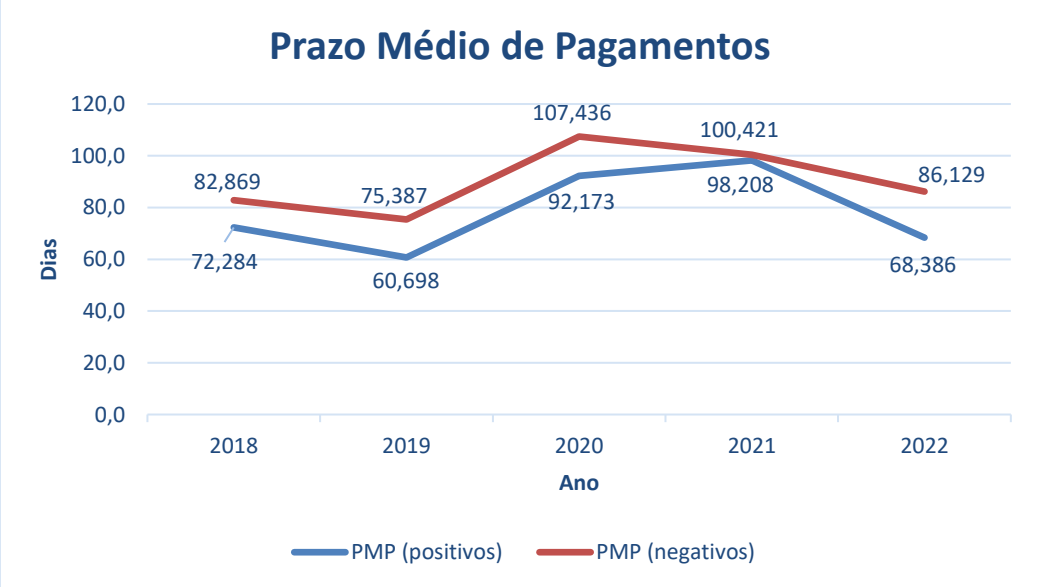
Tabela 10 - Resultados do teste de amostras emparelhadas

Negativos				
Rendibilidade do Capital Próprio				
	2019 vs 2020		**2019 vs 2021**	
Média	28,345	-200,321	28,345	37,266
Sig. (bilateral)	0,305		0,798	
Rendibilidade do Ativo				
	2019 vs 2020		**2019 vs 2021**	
Média	-9,446	-57,204	-9,446	-34,504
Sig. (bilateral)	0,000		0,000	
Rendibilidade das Vendas				
	2019 vs 2020		**2019 vs 2021**	
Média	-4,490	-27,957	-4,490	-17,428
Sig. (bilateral)	0,000		0,003	

Para finalizar, são analisados os rácios de funcionamento.

A linha de evolução do prazo médio de pagamentos é idêntica nos dois grupos estudados. Sendo que as empresas com capitais próprios negativos apresentam um prazo médio de pagamento superior.

Gráfico 24 - Prazo Médio de Pagamentos;

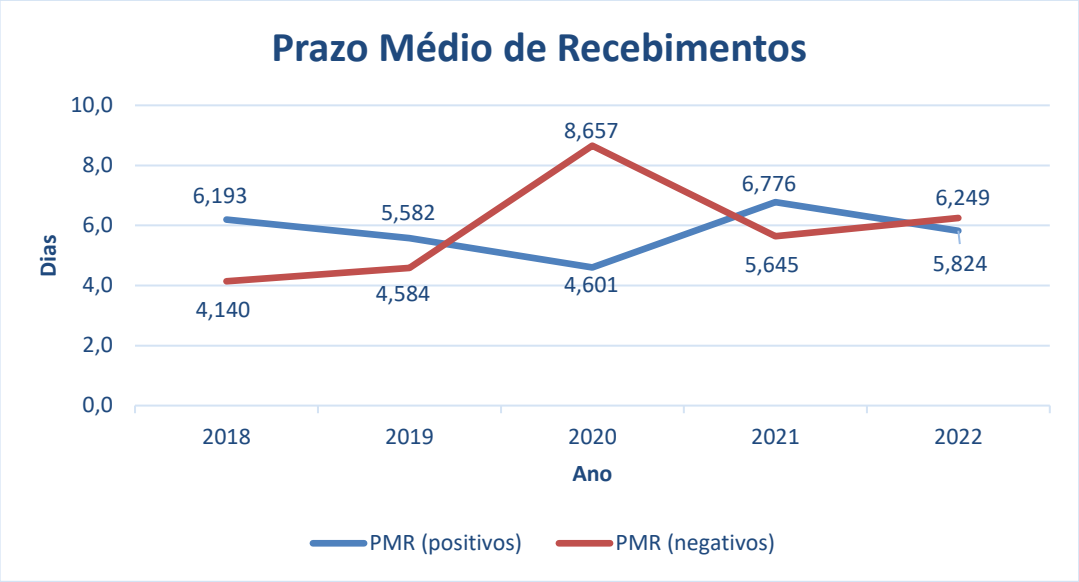


Em 2018 e 2019 o prazo médio de pagamentos era baixo e, com o aparecimento da pandemia, estes valores dispararam, aumentando cerca de 30 dias. No ano 2022, as empresas

já conseguiram efetuar pagamentos em prazos mais reduzidos. As "empresas positivas", em 2022, conseguem pagar aos seus fornecedores em 68 dias, e as "empresas negativas" em 86 dias.

No Gráfico 25, observa-se que o prazo médio de recebimentos das empresas.

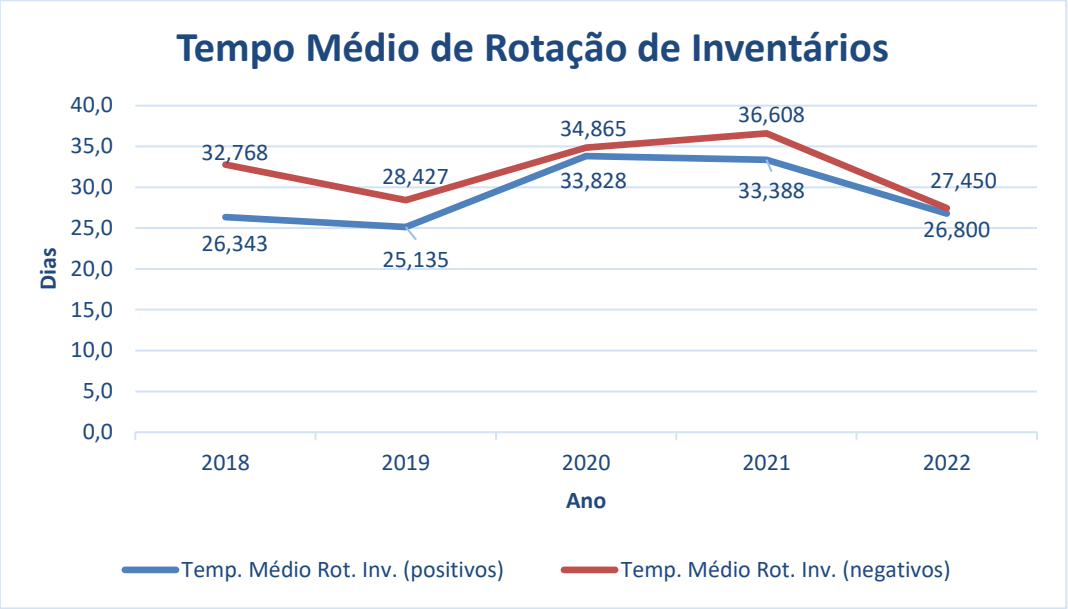
Gráfico 25 - Prazo Médio de Recebimentos;



Para as "empresas positivas" o prazo médio de recebimentos vária de 4,6 dias a 6,7 dias. Verifica-se que no ano de pandemia foi o ano em que estas empresas demoravam menos tempo a receber, atingindo o valor mínimo. O contrário acontece com as "empresas negativas" que no ano 2020 atingiram o máximo de dias a receber, sendo de 8,6 dias. Contudo verifica-se alguma instabilidade de ano para ano, apesar da diferença não ser significativa. Estes valores, em ambos os grupos, são relativamente baixos, ou seja, estas empresas possuem uma grande eficiência na cobrança aos seus clientes, como seria expectável nesta área de negócio.

Por último, vamos analisar o tempo médio de rotação de inventários.

Gráfico 26 - Tempo Médio de Rotação de Inventários;



O tempo médio em que os inventários estão na posse das empresas é relativamente constante. As empresas com capitais próprios negativos, possuem um tempo médio de rotação de inventários superior em relação as empresas com capitais próprios positivos,-no entanto a diferença não é significativa, é, no máximo, de 7 dias. Estes valores aumentaram em 2020 e 2021, contudo em 2022, estes valores já voltaram a descer para valores anteriores à pandemia.

Para concluir, através do teste de comparação de médias de amostras emparelhadas, as empresas com capitais próprios positivos, apresentam um *p-value* inferior a 0,05 no prazo médio de pagamento e no tempo médio de rotação de inventários. Isto significa que a pandemia Covid-19 teve influência no prazo médio de pagamentos e no tempo médio de rotação de inventários. Para o prazo médio de recebimentos no ano 2019-2021, o valor do *p-value* é aproximadamente 0,05, logo não se considera que seja inferior, portanto para este rácio não se rejeita a hipótese nula. O teste de comparação de médias de amostras emparelhadas, mostra que a pandemia não teve qualquer influencia no desempenho dos prazos médios de recebimentos

Tabela 11 - Resultados do teste de amostras emparelhadas

Positivos				
Prazo Médio de Pagamentos				
	2019 vs 2020		**2019 vs 2021**	
Média	60,698	92,173	60,698	98,208
Sig. (bilateral)	0,011		0,006	
Prazo Médio de Recebimentos				
	2019 vs 2020		**2019 vs 2021**	
Média	5,582	4,601	5,582	6,776
Sig. (bilateral)	0,536		0,047	
Tempo Médio Rot. Inventários				
	2019 vs 2020		**2019 vs 2021**	
Média	25,135	33,828	25,135	33,388
Sig. (bilateral)	0,000		0,000	

Por fim, no que diz respeito às empresas com capitais próprios negativos, o resultado do teste de comparação de médias de amostras emparelhadas apresenta o *p-value* inferior a 0,05, nos prazos médios de pagamentos, no prazo médio de recebimentos para o ano 2019-2020, e para o tempo médio de rotação de inventários. Ou seja, rejeita-se a hipótese nula, portanto a pandemia Covid-19 teve influência no desempenho dos prazos médios de pagamentos, no prazo medio de recebimentos no ano 2019-2020 e no tempo médio de rotação de inventários.

Tabela 12 - Resultados do teste de amostras emparelhadas

Negativos				
Prazo Médio de Pagamentos				
	2019 vs 2020		**2019 vs 2021**	
Média	75,387	107,436	75,387	100,421
Sig. (bilateral)	0,000		0,000	
Prazo Médio de Recebimentos				
	2019 vs 2020		**2019 vs 2021**	
Média	4,584	8,657	4,584	5,645
Sig. (bilateral)	0,032		0,454	
Tempo Médio Rot. Inventários				
	2019 vs 2020		**2019 vs 2021**	
Média	28,427	34,865	28,427	36,608
Sig. (bilateral)	0,000		0,000	

5. CONCLUSÕES

De forma a compreender o impacto que a pandemia Covid-19 causou no turismo em Portugal, esta dissertação investigou o impacto que a pandemia provocou nos estabelecimentos hoteleiros com restauração e restaurantes, do Centro de Portugal.

Tendo em conta o objetivo principal, foram analisados vários tópicos secundários, primeiramente o volume de vendas durante os anos em estudo, o número de pessoas ao serviço e por último o comportamento dos rácios económico financeiros dos estabelecimentos.

Quanto à evolução do volume de vendas destes estabelecimentos, é evidente, segundo o gráfico elaborado com os dados retirados da plataforma SABI, que a pandemia Covid-19 teve influência no volume de vendas. Verifica-se uma descida de aproximadamente 35% em relação ao ano 2019, em consequência das restrições que Portugal estava a sofrer e também ao medo que as pessoas sentiam relativamente a um vírus desconhecido. Apesar de em 2021 o volume das vendas ter subido, ainda se encontrava muito abaixo dos valores atingidos antes da pandemia Covid-19. Contudo, no ano 2022, ano em que já não existia pandemia e, as pessoas já se sentiam mais seguras e tinham mais conhecimentos de como se proteger, o volume de vendas atingiu valores superiores em relação a todos os outros anos em estudo. Dados estes valores é possível dizer que a pandemia teve influência negativa nas vendas dos restaurantes e dos estabelecimentos hoteleiros com restaurantes, no Centro de Portugal, mas, contudo, a sua recuperação está a ser célere.

No que diz respeito ao número de funcionários ao serviço por estabelecimento em média, verifica-se que teve a mesma linha de evolução do volume de vendas. Visto que, no ano 2020 diminuiu devido ao volume de vendas ter diminuído, e também por muitos restaurantes terem fechado. O número de funcionários em média aumentou em 2022, quando o volume de vendas disparou.

Para uma análise mais fiável, optou-se pelo critério de existência de pelo menos 50% dos rácios obterem valores que indiquem relação entre a pandemia Covid-19 e a desempenho do rácio para se poder rejeitar a hipótese nula. Assim para as empresas com capitais próprios positivos, temos:

- Rácios de Liquidez – Rejeita-se a hipótese nula, visto que se verifica que existe relação entre a pandemia Covid-19 e o desempenho de todos os rácios de liquidez.

- Rácios de Estrutura – Aceita-se a hipótese nula, pois, apenas se confirma que existe relação entre a pandemia Covid-19 e o desempenho do rácio da autonomia financeira. Ou seja, 66,66% dos rácios de estrutura, indica que não houve relação.

- Rácios de Rendibilidade - Rejeita-se a hipótese nula, uma vez que se verifica existência de relação entre a pandemia Covid-19 e o desempenho de todos os rácios de rendibilidade.

- Rácios de Funcionamento – Rejeita-se a hipótese nula, uma vez que se verifica a existência de relação entre a pandemia Covid-19 e o prazo médio de pagamentos e o tempo médio de rotação dos inventários. Apenas 33,33%, que correspondem ao prazo médio de recebimentos, não tem relação com a pandemia Covid-19.

Para as empresas com capitais próprios negativos, temos:

- Rácios de Liquidez – Aceita-se a hipótese nula, visto que se verifica que não existe relação entre a pandemia Covid-19 e o desempenho de todos os rácios de liquidez.

- Rácios de Estrutura – Rejeita-se a hipótese nula, visto que se verifica relação da pandemia Covid-19 com o desempenho do rácio da autonomia financeira e com o desempenho do rácio da solvabilidade no ano 2019-2021. Neste caso, temos que apenas 50% se verifica a rejeição da hipótese nula.

- Rácios de Rendibilidade - Rejeita-se a hipótese nula, uma vez que se verifica existência de relação entre a pandemia Covid-19 e o desempenho do rácio da rendibilidade dos ativos e das vendas. Apenas se verificou que não existe relação da pandemia Covid-19 e o desempenho do rácio da rendibilidade dos capitais próprios.

- Rácios de Funcionamento – Rejeita-se a hipótese nula, uma vez que se verifica a existência de relação entre a pandemia Covid-19 e o prazo médio de

pagamentos e o tempo médio de rotação dos inventários. E ainda, verifica-se a existência de relação entre a pandemia Covid-19 e o desempenho do prazo médio de recebimentos no ano 2019-2020.

Assim sendo, é possível concluir que a pandemia Covid-19 teve influência no rácio da liquidez, no rácio da rendibilidade e no rácio de funcionamento dos restaurantes e dos estabelecimentos hoteleiros com restaurante, no Centro de Portugal, com capitais próprios positivos. Ou seja, a pandemia Covid-19 afetou a capacidade das empresas em cumprirem as suas obrigações a curto prazo com recursos aos ativos líquidos, mas apesar disso, estas conseguiram sempre fazer face às obrigações. Revela, que nos anos de pandemia, as empresas diminuíram a capacidade de gerar lucro através dos seus ativos. E ainda, que principalmente os prazos médios de pagamentos aos fornecedores e o tempo médio que estes estabelecimentos possuíam os seus inventários, aumentou devido à pandemia Covid-19. Contudo, verifica-se que a pandemia Covid-19, nestas empresas não afetou a capacidade de estas fazerem face às obrigações a médio e longo prazo.

Relativamente aos restaurantes e estabelecimentos hoteleiros com restaurante no Centro de Portugal, com capitais próprios negativos, pode-se afirmar que a pandemia Covid-19 teve influência nos rácios de Estrutura, nos rácios de rendibilidade e nos rácios de funcionamento. Isto significa que a pandemia Covid-19 afetou estas empresas na capacidade de estas fazerem face às obrigações de médio e longo prazo. Também que possuem dificuldade em gerar lucro com os seus ativos, e ainda que o prazo médio de pagamentos aos fornecedores e o tempo médio de rotação dos inventários aumentou devido à pandemia Covid-19. Apesar destas empresas apresentarem dificuldades em fazer face às dívidas de curto prazo, este resultado não tem influência com a pandemia Covid-19.

Portanto é possível afirmar que o desempenho económico e financeiro dos restaurantes e dos estabelecimentos hoteleiros com restaurantes, foi afetado negativamente pela pandemia Covid-19, tal como se pode verificar noutros estudos, tal como, Santos (2022), que verifica a existência de uma relação negativa da pandemia Covid-19 com o desempenho das empresas do setor da restauração em Portugal. E ainda, Gomes et al. (2022), que através do estudo estatística realizado, conclui que a pandemia Covid-19, prejudicou gravemente a rentabilidade dos restaurantes, aumentando os seus endividamentos e colocou vários empregos em risco.

O presente estudo, pretende auxiliar os gestores dos estabelecimentos turísticos, para que estes tenham uma maior perceção dos rácios económico financeiros e na sua vulnerabilidade, para melhor definirem as políticas aplicadas nas tomadas de decisões.

Futuras Linhas de Investigação

Como perspetiva de investigação futura, a metodologia apresentada neste trabalho pode ser usada para estudar em separado a análise económico-financeira dos restaurantes e dos estabelecimentos hoteleiros, e verificar assim quem sofreu mais impacto da pandemia Covid-19.

Seria também interessante estudar as empresas deste setor, por zonas do país e comparar os resultados, para analisar se a pandemia teve o mesmo efeito a nível nacional ou se houve zonas do país em que os empresários responderam melhor à crise pandémica.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aboim, R. A. (2020). Impacto da Covid-19 no setor da restauração Limitações no acesso a linhas de crédito. Relatório de Estágio, Universidade de Coimbra. Obtido em 09 de 2022, de https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/94714?mode=full

Almeida, F., & Silva, O. (2020). The Impact of covid-19 on tourism sustainability: Evidence from Portugal. Obtido de https://www.researchgate.net/publication/348593318_Almeida_F_Silva_O_2020_The_Impact_of_COVID-19_on_Tourism_Sustainability_Evidence_from_Portugal_Advances_in_Hospitality_and_Tourism_Research_AHTR_8_2_440-446 ,

Azevedo Ito, C. (2008). Evolução hisyórica do turismo e suas motivações. Revista Tópos. Obtido de https://revista.fct.unesp.br/index.php/topos/article/view/2208/2021

Banco de Portugal (2020-a). Obtido de https://www.bportugal.pt/sites/default/files/anexos/documentos-relacionados/iree_20201126.pdf

Banco de Portugal. (2021-b). Obtido de https://bpstat.bportugal.pt/conteudos/publicacoes/1312

Breia, A. F., Mata, M. N., & Pereira, V. M. (2014). Análise Económica e Financeira, Aspetos teóricos e casos práticos. Lisboa: Rei dos Livros.

Butcher, J. (2023). Covid-19, tourism and the advocacy of degrowth. Tourism Recreation Research. Obtido de https://doi.org/10.1080/02508281.2021.1953306

Butler, R. W. (2006). The Tourism Area Life Cycle, Applications and Modifications.

Correia, A., & Homem, A. (2018). Turismo no Centro de Portugal: Potencialidades e Tendências. Lisboa: Leya.

Couto, S. I. (2011). Conta Satélite de Turismo para as Economias Regionais. Universidade de Aveiro. Obtido de chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://core.ac.uk/download/pdf/15568325.pdf

Cunha, L. (2006). Economia e Política do Turismo. Lisboa: Verbo.

Cunha, L., & Abrantes, A. (2019). Introduçao ao turismo. 6ª. Lisboa: LIDEL.

Fernandes, C., Peguinho, C., Vieira, E., & Neiva, J. (2022). Análise Financeira - Teoria e Prática. Lisboa: Sílabo.

Fernandes, C., Peguinho, C., Vieira, E., & Neiva, J. (2022). Análise Financeira Teorica e Prática, Aplicação no âmbito do SNC (6ª Edição ed.). EDIÇÕES SÍLABO.

Gomes, C., Malheiros, C., Campos, F., & Santos, L. L. (2022). COVID-19´s Impact on the Restaurant Industry. Obtido de https://doi.org/10.3390/su141811544

Gouveia, C. A. (2021). Impacto da pandemia Covid-19 nas viagens e no turismo: o caso da região centro de Portugal. Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra. Obtido em 09 de 2022, de https://eg.uc.pt/handle/10316/97008

Herre, B., Samborka, v., & Roser, M. (2023). OurWorldInData.org. Obtido de https://ourworldindata.org/tourism

Lapa, L. (2021). TESTES ESTATÍSTICOS: BREVES REFLEXÕES. Obtido de https://www.researchgate.net/profile/Luis-Lapa/publication/350949222_TESTES_ESTATISTICOS_BREVES_REFLEXOES/links/607b0e69907dcf667ba82f98/TESTES-ESTATISTICOS-BREVES-REFLEXOES.pdf

Laureano, R. (2020). Testes de Hipóteses e Regressão. Edições Sílabo. Obtido de https://silabo.pt/catalogo/ciencias-exatas-e-naturais/estatistica/livro/testes-de-hipoteses-e-regressao/

Luís, E. (2002). Turismo no espaço rural em Portugal. Obtido de http://geoinova.fcsh.unl.pt/revistas/files/n5-5.pdf

Magalhães, T. (2022). Impacto da COVID-19 no investimento, financiamento e desempenho financeiro nos principais setores industriais da região Tâmega e Sousa. Dissertação de mestrado, Instituto Politécnico de Bragança. Obtido de https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/26392

Organizaçao Mundial do Turismo. (06 de 05 de 2022). Turismo em Portugal. Obtido de http://www.turismodeportugal.pt/pt/Turismo_Portugal/visao_geral/Paginas/default.aspx

Petronilho, A. (2022). Turismo fecha 2021 com as receitas mais baixas dos últimos sete anos. Jornal de Negócios. Obtido de https://www.jornaldenegocios.pt/empresas/turismo---lazer/detalhe/turismo-fecha-2021-com-as-receitas-mais-baixas-dos-ultimos-sete-anos

Pinto, A. C. (2021). O Impacto do COVID-19 no comportamento do turista português: Estudo comparativo 2020 vs 2021. Dissertação de mestrado, Politécnico de Leiria. Obtido em 09 de 2022, de https://iconline.ipleiria.pt/handle/10400.8/7233

Plog, S. C. (fevereiro de 1974). Why Destinations Areas Rise and Fall in Popularity.

Pordata. (s.d.). Obtido de https://www.pordata.pt/

Portugal, B. d. (Maio de 2020). A economia portuguesa em 2019. Obtido de chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.bportugal.pt/sites/default/files/anexos/pdf-boletim/be_mai2020_p.pdf

Portugal, B. d. (Maio de 2021). A economia portuguesa em 2020. Obtido de chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.bportugal.pt/sites/default/files/anexos/pdf-boletim/be_mai2021_p.pdf

Roque, A., & Alves, M.-C. (2023). The Impact of COVID-19 on the Internationalization Performance of Family Businesses: Evidence from Portugal. Obtido de https://doi.org/10.3390/jrfm16120511

Sancho, A. (2001). Introdução ao Turismo. Lisboa: Roca.

Santos, A. S. (2022). Análise económico-financeira do setor da restauração do distrito de setúbal. Instituto Politécnico de Setúbal.

Santos, R. J. (2021). Impactos causados pela covid-19 no turismo português: uma análise comparativa e da exposição so setor a choques adversos. Universidade Católica Portuguesa , Viseu. Obtido em 09 de 2022, de https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/37118

Social, C. E. (25 de maio de 2022). Covid-19 Lições da Análise Territorial da Pandemia. Lisboa. Obtido de https://ces.pt/2022/05/25/livro-covid-19-licoes-da-analise-territorial-da-pandemia/

Statista. (2018). Global international tourism revenue 2000 to 2017. Obtido de https://www.statista.com/aboutus/

Vieira, I. D. (2020). O desempenho económico-financeiro dos hóteis face à evolução do turismo em Portugal. Dissertação de mestrado, Instituto Politécnico de Leiria. Obtido em 09 de 2022, de

https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/4937/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20mestrado%20-%204170027%20Isa%20da%20Silva%20Vieira.pdf

APÊNDICES – Resultados dos Rácios

1-Média dos rácios de Liquidez

		2018	2019	2020	2021	2022
Liquidez	Geral	2,283	2,584	3,335	3,213	2,826
	Reduzida	1,836	2,201	2,910	2,852	2,515
	Imediata	1,174	1,402	1,824	1,901	1,574

2- Média dos rácios de Estrutura

	2018	2019	2020	2021	2022
Autonomia Financeira	-0,422	-0,245	-0,399	-0,471	-0,478
Solvabilidade	1,178	1,480	1,488	1,296	1,326
Endividamento	1,517	0,994	6,582	3,292	2,331

3-Média dos rácios de Rendibilidade

	2018	2019	2020	2021	2022
Rendibilidade do Capital Próprio	26,334	39,724	-115,633	11,654	85,580
Rendibilidade do Ativo	0,897	5,623	-16,704	-5,606	-0,853
Rendibilidade das Vendas	-7,014	-1,649	-43,439	-3,647	1,151

4-Média dos rácios de funcionamento

	2018	2019	2020	2021	2022
Prazo Médio de Pagamento (em dias)	113,733	418,646	245,877	106,715	77,490
Prazo Médio de Recebimentos (em dias)	6,926	10,425	7,537	10,285	8,449
Tempo Médio Rotação Inventários (em dias)	65,650	1190,250	533,562	61,018	52,844

5-Média dos rácios de liquidez (“empresas positivas” e “empresas negativas”)

Positivos		2018	2019	2020	2021	2022
Liquidez	Geral	2,544	2,877	3,856	3,580	3,206
	Reduzida	2,260	2,600	3,550	3,317	2,934
	Imediata	1,443	1,710	2,199	2,336	1,928

Negativos		2018	2019	2020	2021	2022
Liquidez	Geral	1,060	1,099	1,458	1,354	1,510
	Reduzida	0,827	0,884	1,147	1,190	1,352
	Imediata	0,449	0,515	0,515	0,665	0,578

6- Média dos rácios de Estrutura ("empresas positivas" e "empresas negativas")

Positivos	2018	2019	2020	2021	2022
Autonomia Financeir	0,376	0,457	0,408	0,403	0,408
Solvabilidade	1,639	2,001	2,037	1,798	1,807
Endividamento	3,620	2,925	7,814	4,512	2,495

Negativos	2018	2019	2020	2021	2022
Autonomia Financeir	-2,960	-2,447	-2,932	-3,218	-3,280
Solvabilidade	-0,319	-0,228	-0,240	-0,341	-0,341
Endividamento	-1,564	-5,713	3,369	-1,016	1,724

7- Média dos rácios de Rendibilidade ("empresas positivas" e "empresas negativas")

Positivos	2018	2019	2020	2021	2022
Rendibilidade do Capital Próprio	19,628	43,563	-94,268	3,651	135,256
Rendibilidade do Ativo	11,892	10,862	-3,389	3,825	5,817
Rendibilidade das Vendas	4,297	5,014	-8,206	1,338	3,685

Negativos	2018	2019	2020	2021	2022
Rendibilidade do Capital Próprio	48,784	28,345	-200,321	37,266	-52,112
Rendibilidade do Ativo	-32,097	-9,446	-57,204	-34,504	-21,250
Rendibilidade das Vendas	-8,454	-4,490	-27,957	-17,428	-5,808

8- Média dos rácios de funcionamento ("empresas positivas" e "empresas negativas")

Positivos	2018	2019	2020	2021	2022
Prazo Médio de Pagamento (em dias) (positivo	72,284	60,698	92,173	98,208	68,386
Prazo Médio de Recebimentos (em dias)	6,193	5,582	4,601	6,776	5,824
Tempo Médio Rotação Inventários (em dias)	26,343	25,135	33,828	33,388	26,800

Negativos	2018	2019	2020	2021	2022
Prazo Médio de Pagamento (em dias)(negativo	82,869	75,387	107,436	100,421	86,129
Prazo Médio de Recebimentos (em dias)	4,140	4,584	8,657	5,645	6,249
Tempo Médio Rotação Inventários (em dias)	32,768	28,427	34,865	36,608	27,450

ANEXOS

ANEXO A

1 - Dormidas nos alojamentos turísticas: total e por país de residência do hóspede

PORDATA

Dormidas nos alojamentos turísticos: total e por país de residência do hóspede

Quantas noites passam os turistas em estabelecimentos hoteleiros como hotéis e pousadas, por país de origem?

Dormida

Anos	País de residência		
	Total	Portugal	Estrangeiro
			Total
2000	33 795 123	9 693 160	24 101 963
2001	33 562 591	9 985 020	23 577 571
2002	⊥ 34 208 968	⊥ 10 646 274	⊥ 23 562 694
2003	33 875 471	10 660 773	23 214 698
2004	34 140 581	11 138 588	23 001 993
2005	35 520 631	11 647 747	23 872 884
2006	37 566 461	12 350 001	25 216 460
2007	39 736 583	12 968 053	26 768 530
2008	39 227 938	13 023 693	26 204 245
2009	36 457 069	13 242 692	23 214 377
2010	37 391 291	13 783 084	23 608 207
2011	39 440 315	13 436 555	26 003 760
2012	39 681 040	12 424 460	27 256 580
2013	⊥ 43 533 151	⊥ 13 150 991	⊥ 30 382 160
2014	48 711 366	14 939 247	33 772 119
2015	53 074 176	16 158 369	36 915 807
2016	59 122 640	17 351 738	41 770 902
2017	65 385 210	18 595 681	46 789 529
2018	67 662 103	19 889 676	47 772 427
2019	⊥ 70 158 964	⊥ 21 107 132	⊥ 49 051 832
2020	25 798 299	13 598 609	12 199 690
2021	37 332 422	18 671 762	18 660 660
2022	69 694 791	22 888 908	46 805 883

Dormidas nos alojamentos turísticos: total e por país de residência do hóspede
Fontes de Dados: INE - Inquérito à Permanência de Hóspedes na Hotelaria e outros Alojamentos
Fonte: PORDATA

2 – Alojamentos turísticos: total e por tipo de estabelecimento

Alojamentos turísticos: total e por tipo de estabelecimento

Anos	Alojamentos turísticos
	Total
2000	1 786
2001	1 895
2002	⊥ 1 890
2003	1 934
2004	1 954
2005	⊥ 2 012
2006	2 028
2007	2 031
2008	2 041
2009	1 988
2010	2 011
2011	2 019
2012	2 028
2013	⊥ 3 345
2014	3 578
2015	4 339
2016	4 805
2017	5 840
2018	6 868
2019	⊥ 6 833
2020	5 183
2021	6 271
2022	7 095

Alojamentos turísticos: total e por tipo de estabelecimento

Fonte: PORDATA

PORDATA

Balança de viagens e turismo

Qual é a diferença entre as exportações e as importações de viagens e turismo?

Euro - Milhões

Anos	Saldo	Exportações	Importações
2000	3 297,60	5 720,00	2 422,40
2001	3 761,56	6 124,76	2 363,19
2002	3 847,20	6 093,82	2 246,62
2003	3 718,37	5 848,93	2 130,55
2004	3 970,73	6 195,47	2 224,74
2005	3 744,34	6 198,60	2 454,26
2006	4 014,25	6 671,94	2 657,68
2007	4 533,41	7 402,10	2 868,69
2008	4 501,33	7 440,10	2 938,78
2009	4 195,58	6 907,84	2 712,26
2010	4 648,45	7 601,27	2 952,82
2011	5 171,99	8 145,56	2 973,57
2012	5 659,57	8 605,54	2 945,97
2013	6 218,29	9 156,98	2 938,69
2014	7 156,89	10 284,20	3 127,32
2015	8 272,63	11 605,21	3 332,58
2016	9 261,18	12 811,41	3 550,23
2017	11 500,36	15 550,37	4 050,01
2018	12 469,11	17 053,55	4 584,44
2019	13 166,98	18 291,00	5 124,02
2020	4 973,21	7 716,43	2 743,22
2021	6 489,74	10 063,97	3 574,23
2022	(R) 15 607,57	(R) 21 140,83	5 533,27

Balança de viagens e turismo

Fonte: PORDATA

ANEXO B – Resultados do teste de comparação de médias de amostras emparelhadas

Teste de amostras emparelhadas

		Diferenças emparelhadas					t	df	Sig. (2 extremidades)
		Média	Erro Desvio	Erro padrão da média	95% Intervalo de Confiança da Diferença Inferior	Superior			
Par 1	Liquidez Geral 2019 - Liquidez Geral 2020	-,751351	5,353551	,162753	-1,070698	-,432004	-4,617	1081	,000
Par 2	Liquidez Geral 2019 - Liquidez Geral 2021	-,629794	5,608329	,170498	-,964339	-,295249	-3,694	1081	,000

1 - Teste de comparação de médias de amostras emparelhadas: liquidez geral

2 - Teste de comparação de médias de amostras emparelhadas: liquidez reduzida

Teste de amostras emparelhadas

		Diferenças emparelhadas					t	df	Sig. (2 extremidades)
		Média	Erro Desvio	Erro padrão da média	95% Intervalo de Confiança da Diferença Inferior	Superior			
Par 1	Liquidez Reduzida 2019 - Liquidez Reduzida 2020	-,708621	4,795494	,145787	-,994680	-,422563	-4,861	1081	,000
Par 2	Liquidez Reduzida 2019 - Liquidez Reduzida 2021	-,650213	4,895079	,148815	-,942212	-,358214	-4,369	1081	,000

3 - Teste de comparação de médias de amostras emparelhadas: liquidez imediata

Teste de amostras emparelhadas

		Diferenças emparelhadas					t	df	Sig. (2 extremidades)
		Média	Erro Desvio	Erro padrão da média	95% Intervalo de Confiança da Diferença Inferior	Superior			
Par 1	Liquidez Imediata 2019 - Liquidez Imediata 2020	-,421898	2,946105	,089564	-,597637	-,246159	-4,711	1081	,000
Par 2	Liquidez Imediata 2019 - Liquidez Imediata 2021	-,498253	3,060495	,093042	-,680816	-,315690	-5,355	1081	,000

4- Teste de comparação de médias de amostras emparelhadas: autonomia financeira

Teste de amostras emparelhadas

		Diferenças emparelhadas					t	df	Sig. (2 extremidades)
		Média	Erro Desvio	Erro padrão da média	95% Intervalo de Confiança da Diferença Inferior	Superior			
Par 1	Autonomia Financeira 2019 - Autonomia Financeira 2020	,153956	1,519245	,046186	,063331	,244581	3,333	1081	,001
Par 2	Autonomia Financeira 2019 - Autonomia Financeira 2021	,226708	2,188377	,066529	,096169	,357248	3,408	1081	,001

5 - Teste de comparação de médias de amostras emparelhadas: solvabilidade

Teste de amostras emparelhadas

		Diferenças emparelhadas					t	df	Sig. (2 extremidades)
		Média	Erro Desvio	Erro padrão da média	95% Intervalo de Confiança da Diferença Inferior	Superior			
Par 1	Solvabilidade 2019 - Solvabilidade 2020	-,007984	3,412989	,103758	-,211573	,195606	-,077	1081	,939
Par 2	Solvabilidade 2019 - Solvabilidade 2021	,184553	3,609616	,109736	-,030766	,399872	1,682	1081	,093

6 - Teste de comparação de médias de amostras emparelhadas: endividamento

Teste de amostras emparelhadas

		Diferenças emparelhadas					t	df	Sig. (2 extremidades)
		Média	Erro Desvio	Erro padrão da média	95% Intervalo de Confiança da Diferença Inferior	Superior			
Par 1	Endividamento 2019 - Endividamento 2020	-5,588287	127,392969	3,872860	-13,187462	2,010888	-1,443	1081	,149
Par 2	Endividamento 2019 - Endividamento 2021	-2,297468	83,239128	2,530544	-7,262802	2,667867	-,908	1081	,364

7 - Teste de comparação de médias de amostras emparelhadas: rendibilidade do capital próprio

Teste de amostras emparelhadas

		Diferenças emparelhadas					t	df	Sig. (2 extremidades)
		Média	Erro Desvio	Erro padrão da média	95% Intervalo de Confiança da Diferença Inferior	Superior			
Par 1	Rendibilidade do Capital Próprio 2019 - Rendibilidade do Capital Próprio 2020	155,358177	2097,879042	63,777401	30,216654	280,499699	2,436	1081	,015
Par 2	Rendibilidade do Capital Próprio 2019 - Rendibilidade do Capital Próprio 2021	28,070576	495,600295	15,066693	-1,492699	57,633851	1,863	1081	,063

8 - Teste de comparação de médias de amostras emparelhadas: rendibilidade do ativo

Teste de amostras emparelhadas

		Diferenças emparelhadas					t	df	Sig. (2 extremidades)
		Média	Erro Desvio	Erro padrão da média	95% Intervalo de Confiança da Diferença Inferior	Superior			
Par 1	Rendibilidade do Ativo 2019 - Rendibilidade do Ativo 2020	22,326724	56,673580	1,722928	18,946063	25,707385	12,959	1081	,000
Par 2	Rendibilidade do Ativo 2019 - Rendibilidade do Ativo 2021	11,228647	55,915125	1,699870	7,893229	14,564065	6,606	1081	,000

9 - Teste de comparação de médias de amostras emparelhadas: rendibilidade das vendas

Teste de amostras emparelhadas

		Diferenças emparelhadas					t	df	Sig. (2 extremidades)
		Média	Erro Desvio	Erro padrão da média	95% Intervalo de Confiança da Diferença Inferior	Superior			
Par 1	Rendibilidade das Vendas 2019 - Rendibilidade das Vendas 2020	41,790022	843,010703	25,628280	-8,496787	92,076831	1,631	1081	,103
Par 2	Rendibilidade das Vendas 2019 - Rendibilidade das Vendas 2021	1,998267	132,524809	4,028873	-5,907029	9,903564	,496	1081	,620

10 - Teste de comparação de médias de amostras emparelhadas: prazo médio de pagamento

Teste de amostras emparelhadas

		Diferenças emparelhadas					t	df	Sig. (2 extremidades)
		Média	Erro Desvio	Erro padrão da média	95% Intervalo de Confiança da Diferença Inferior	Superior			
Par 1	Prazo médio de pagamento 2019 - Prazo médio de pagamento 2020	173,081056	11633,627143	354,000001	-521,525353	867,687465	,489	1079	,625
Par 2	Prazo médio de pagamento 2019 - Prazo médio de pagamento 2021	296,615867	11022,919070	335,572139	-361,832723	955,064458	,884	1078	,377

11 - Teste de comparação de médias de amostras emparelhadas: prazo médio de recebimentos

Teste de amostras emparelhadas

		Diferenças emparelhadas					t	df	Sig. (2 extremidades)
		Média	Erro Desvio	Erro padrão da média	95% Intervalo de Confiança da Diferença Inferior	Superior			
Par 1	Prazo médio de Recebimentos 2019 - Prazo médio de Recebimentos 2020	2,887529	116,039998	3,527720	-4,034425	9,809483	,819	1081	,413
Par 2	Prazo médio de Recebimentos 2019 - Prazo médio de Recebimentos 2021	,139884	71,528050	2,174517	-4,126867	4,406636	,064	1081	,949

12 - Teste de comparação de médias de amostras emparelhadas: tempo médio de rotação inventários

Teste de amostras emparelhadas

		Diferenças emparelhadas					t	df	Sig. (2 extremidades)
		Média	Erro Desvio	Erro padrão da média	95% Intervalo de Confiança da Diferença Inferior	Superior			
Par 1	Tempo médio Rotação Inventários 2019 - Tempo médio Rotação Inventários 2020	657,769127	37726,470295	1147,979933	-1594,756912	2910,295165	,573	1079	,567
Par 2	Tempo médio Rotação Inventários 2019 - Tempo médio Rotação Inventários 2021	1107,110441	34855,623382	1061,114214	-974,972893	3189,193775	1,043	1078	,297

13 – Teste de comparação de médias de amostras emparelhadas: liquidez geral (“empresas positivas” e “empresas negativas”)

Teste de amostras emparelhadas

CP_2cat			Diferenças emparelhadas					t	df	Sig. (2 extremidades)
			Média	Erro Desvio	Erro padrão da média	95% Intervalo de Confiança da Diferença Inferior	Superior			
CP Negativos	Par 1	Liquidez Geral 2019 - Liquidez Geral 2020	-,359778841398255	3,37164235941 7403	,211140434631882	-,775587736981272	,056030054184761	-1,704	254	,090
	Par 2	Liquidez Geral 2019 - Liquidez Geral 2021	-,255477413851753	2,86457217255 2363	,179386467801885	-,608751712965926	,097796885262420	-1,424	254	,156
CP Positivos	Par 1	Liquidez Geral 2019 - Liquidez Geral 2020	-,979265149718951	3,64216487900 5957	,130494099069634	-1,23542739484 4417	-,723102904593484	-7,504	778	,000
	Par 2	Liquidez Geral 2019 - Liquidez Geral 2021	-,703354813069636	3,78456217932 1039	,135596011814352	-,969532203956013	-,437177422183258	-5,187	778	,000

14 - Teste de comparação de médias de amostras emparelhadas: liquidez reduzida (“empresas positivas” e “empresas negativas”)

Teste de amostras emparelhadas

			Diferenças emparelhadas							
					Erro padrão da	95% Intervalo de Confiança da Diferença				Sig. (2 extremidades)
CP_2cat			Média	Erro Desvio	média	Inferior	Superior	t	df	
CP Negativos	Par 1	Liquidez Reduzida 2019 - Liquidez Reduzida 2020	-,26245713796786161	2,39428529055552573	,14993596087337304	-,55773315370417452	,03281877768452474	-1,750	254	,081
	Par 2	Liquidez Reduzida 2019 - Liquidez Reduzida 2021	-,30597257574325676	2,74786231761767630	,17207786394415151	-,64485369382776868	,03290854234125556	-1,778	254	,077
CP Positivos	Par 1	Liquidez Reduzida 2019 - Liquidez Reduzida 2020	-,94938260304376024	3,46111887255045272	,12400745272405283	-1,19281144563916407	-,70595376044816164	-7,656	778	,000
	Par 2	Liquidez Reduzida 2019 - Liquidez Reduzida 2021	-,71483861403136836	3,64279506909367790	,13051667797272648	-,97104518194640461	-,45863204611623535	-5,477	778	,000

15- Teste de comparação de médias de amostras emparelhadas: liquidez imediata (“empresas positivas” e “empresas negativas”)

Teste de amostras emparelhadas

CP_2cat				Diferenças emparelhadas					t	df	Sig. (2 extremidades)
				Média	Erro Desvio	Erro padrão da média	95% Intervalo de Confiança da Diferença Inferior	Superior			
CP Negativos	Par 1	Liquidez Imediata 2019 - Liquidez Imediata 2020		,00018287015546	1,126766677920869	,0705608664099336	-,13877599854464	,13914173885557	,003	254	,998
	Par 2	Liquidez Imediata 2019 - Liquidez Imediata 2021		-,14959390558902	2,21449734189232	,13867720280364	-,42269751381480	,12350970263675	-1,079	254	,282
CP Positivos	Par 1	Liquidez Imediata 2019 - Liquidez Imediata 2020		-,48942474663250	2,64945402820233	,09492654174707	-,67576724203492	-,30308225123008	-5,156	778	,000
	Par 2	Liquidez Imediata 2019 - Liquidez Imediata 2021		-,62570556479472	3,28076029325949	,11754543601254	-,85644935327175	-,39496177631768	-5,323	778	,000

16- Teste de comparação de médias de amostras emparelhadas: autonomia financeira (“empresas positivas” e “empresas negativas”)

Teste de amostras emparelhadas

CP_2cat			Diferenças emparelhadas					t	df	Sig. (2 extremidades)
			Média	Erro Desvio	Erro padrão da média	95% Intervalo de Confiança da Diferença Inferior	Superior			
CP Negativos	Par 1	Autonomia Financeira 2019 - Autonomia Financeira 2020	,48490123119444800	3,08268307528006200	,19304510234573745	,10472833373857878	,86507412865031700	2,512	254	,013
	Par 2	Autonomia Financeira 2019 - Autonomia Financeira 2021	,77093415323360100	4,43027494701062300	,27743457880040302	,22456904790140200	1,31729925856580000	2,779	254	,006
CP Positivos	Par 1	Autonomia Financeira 2019 - Autonomia Financeira 2020	,04907059339838344	,19245867129885656	,00689554749815151	,03553451060924444	,06260667618744545	7,116	778	,000
	Par 2	Autonomia Financeira 2019 - Autonomia Financeira 2021	,05367344288571414	,23249225877536464	,00832989962212282	,03732170128129700	,07002518449013131	6,443	778	,000

17 - Teste de comparação de médias de amostras emparelhadas: solvabilidade (“empresas positivas” e “empresas negativas”)

Teste de amostras emparelhadas

CP_2cat			Diferenças emparelhadas					t	df	Sig. (2 extremidades)
			Média	Erro Desvio	Erro padrão da média	95% Intervalo de Confiança da Diferença Inferior	Superior			
CP Negativos	Par 1	Solvabilidade 2019 - Solvabilidade 2020	,012377969384031	1,24015786118 3147	,077661697745309	-,140564904039906	,16532084280796 8	,159	254	,873
	Par 2	Solvabilidade 2019 - Solvabilidade 2021	,112532990934876	,730265941516720	,045731027152994	,022472705099451	,20259327677030 2	2,461	254	,015
CP Positivos	Par 1	Solvabilidade 2019 - Solvabilidade 2020	-,036087503883876	3,35402086600 6076	,120170268428285	-,271983885232836	,19980887746508 4	-,300	778	,764
	Par 2	Solvabilidade 2019 - Solvabilidade 2021	,203489804697881	3,63669086751 9779	,130297972254700	-,052287439990009	,45926704938577 1	1,562	778	,119

18 - Teste de comparação de médias de amostras emparelhadas: endividamento (“empresas positivas” e “empresas negativas”)

Teste de amostras emparelhadas

CP_2cat			Diferenças emparelhadas					t	df	Sig. (2 extremidades)
			Média	Erro Desvio	Erro padrão da média	95% Intervalo de Confiança da Diferença Inferior	Superior			
CP Negativos	Par 1	Endividamento 2019 - Endividamento 2020	-9,08221 0661489 947	220,744 830254 398580	13,8235 774836 77242	-36,3056 389759 93080	18,1412 176530 13182	-,657	254	,512
	Par 2	Endividamento 2019 - Endividamento 2021	-4,69684 4458799 795	160,169 657120 547640	10,0302 129983 66641	-24,4498 197550 03320	15,0561 308374 03728	-,468	254	,640
CP Positivos	Par 1	Endividamento 2019 - Endividamento 2020	-4,88961 2362019 569	81,1763 678050 39300	2,90844 520618 0500	-10,5989 422026 12845	,819717 478573 705	-1,681	778	,093
	Par 2	Endividamento 2019 - Endividamento 2021	-1,58723 7650299 328	34,0828 747603 69550	1,22114 571506 4791	-3,98436 848017 2469	,809893 179573 813	-1,300	778	,194

19 - Teste de comparação de médias de amostras emparelhadas: rendibilidade do capital próprio ("empresas positivas" e "empresas negativas")

Teste de amostras emparelhadas

CP_2cat			Diferenças emparelhadas					t	df	Sig. (2 extremidades)
			Média	Erro Desvio	Erro padrão da média	95% Intervalo de Confiança da Diferença Inferior	Superior			
CP Negativos	Par 1	Rendibilidade do Capital Próprio 2019 - Rendibilidade do Capital Próprio 2020	228,666 3572959 12500	3555,80 4856889 400500	222,673 1375742 69600	-209,854 4384587 67600	667,187 1530505 92500	1,027	254	,305
	Par 2	Rendibilidade do Capital Próprio 2019 - Rendibilidade do Capital Próprio 2021	-8,92072 8698727 608	554,680 5017763 34600	34,7354 4040036 4010	-77,3268 8280959 9640	59,4854 2541214 4400	-,257	254	,798
CP Positivos	Par 1	Rendibilidade do Capital Próprio 2019 - Rendibilidade do Capital Próprio 2020	137,830 7955213 55750	1407,94 3734741 821100	50,4448 1930648 1854	38,8067 1504089 3480	236,854 8760018 18000	2,732	778	,006
	Par 2	Rendibilidade do Capital Próprio 2019 - Rendibilidade do Capital Próprio 2021	39,9115 5446937 4550	488,438 3216798 24470	17,5001 1898310 5644	5,55850 8617983 279	74,2646 0032076 5820	2,281	778	,023

20 - Teste de comparação de médias de amostras emparelhadas: rendibilidade do ativo (“empresas positivas” e “empresas negativas”)

Teste de amostras emparelhadas

CP_2cat			Diferenças emparelhadas					t	df	Sig. (2 extremidades)
			Média	Erro Desvio	Erro padrão da média	95% Intervalo de Confiança da Diferença Inferior	Superior			
CP Negativos	Par 1	Rendibilidade do Ativo 2019 - Rendibilidade do Ativo 2020	47,75740277503507500	107,08001173007052000	6,70561044350529000	34,55172534247352734000	60,96308020761774000	7,122	254	,000
	Par 2	Rendibilidade do Ativo 2019 - Rendibilidade do Ativo 2021	25,05765481415260000	108,98643082265444000	6,82499503798174600	11,61686762409804400	38,49844200420716000	3,671	254	,000
CP Positivos	Par 1	Rendibilidade do Ativo 2019 - Rendibilidade do Ativo 2020	14,25161068542037400	19,72570831012934000	,706746844240412000	12,86425401836254000	15,63896735247820800	20,165	778	,000
	Par 2	Rendibilidade do Ativo 2019 - Rendibilidade do Ativo 2021	7,037062039812373000	18,44131343087202000	,660728622060399000	5,740039964083641000	8,334084115541105000	10,650	778	,000

21 - Teste de comparação de médias de amostras emparelhadas: rendibilidade das vendas (“empresas positivas” e “empresas negativas”)

Teste de amostras emparelhadas

CP_2cat			Diferenças emparelhadas					t	df	Sig. (2 extremidades)
			Média	Erro Desvio	Erro padrão da média	95% Intervalo de Confiança da Diferença Inferior	Superior			
CP Negativos	Par 1	Rendibilidade das Vendas 2019 - Rendibilidade das Vendas 2020	23,46688 8366865 370	44,88267 0193554 580	2,810661 8323967 29	17,93171 8400848 133	29,00205 8332882 605	8,349	254	,000
	Par 2	Rendibilidade das Vendas 2019 - Rendibilidade das Vendas 2021	12,93818 2899597 667	67,81601 3142864 630	4,246803 4754611 59	4,574750 9214057 78	21,30161 4877789 554	3,047	254	,003
CP Positivos	Par 1	Rendibilidade das Vendas 2019 - Rendibilidade das Vendas 2020	13,22042 9916722 743	30,57951 6158227 403	1,095624 8669726 07	11,06969 8751559 258	15,37116 1081886 228	12,06 7	778	,000
	Par 2	Rendibilidade das Vendas 2019 - Rendibilidade das Vendas 2021	3,676598 6024076 27	13,81507 5440104 646	,4949764 4478618 8	2,704951 0084961 84	4,648246 1963190 68	7,428	778	,000

22 - Teste de comparação de médias de amostras emparelhadas: prazo médio de pagamento (“empresas positivas” e “empresas negativas”)

Teste de amostras emparelhadas

CP_2cat			Diferenças emparelhadas					t	df	Sig. (2 extremidades)
			Média	Erro Desvio	Erro padrão da média	95% Intervalo de Confiança da Diferença Inferior	Superior			
CP Negativos	Par 1	Prazo médio de pagamento 2019 - Prazo médio de pagamento 2020	-32,04891987398 2015	127,6036084883 06850	7,990847926549 692	-47,78567658239 4785	-16,31216316556 9245	-4,011	254	,000
	Par 2	Prazo médio de pagamento 2019 - Prazo médio de pagamento 2021	-25,03446190474 6266	90,007242615545 860	5,636472169944 926	-36,13463450813 8774	-13,93428930135 3761	-4,442	254	,000
CP Positivos	Par 1	Prazo médio de pagamento 2019 - Prazo médio de pagamento 2020	-31,47464537118 1524	343,2515853485 56400	12,298264321441 0737	-55,61635769524 2960	-7,332933047120 086	-2,559	778	,011
	Par 2	Prazo médio de pagamento 2019 - Prazo médio de pagamento 2021	-37,51016358175 8405	383,5106271450 30360	13,740694184767 367	-64,48339146752 0450	-10,536935695996 362	-2,730	778	,006

23 - Teste de comparação de médias de amostras emparelhadas: prazo médio de recebimentos (“empresas positivas” e “empresas negativas”)

Teste de amostras emparelhadas

CP_2cat			Diferenças emparelhadas					t	df	Sig. (2 extremidades)
			Média	Erro Desvio	Erro padrão da média	95% Intervalo de Confiança da Diferença Inferior	Superior			
CP Negativos	Par 1	Prazo médio de Recebimentos 2019 - Prazo médio de Recebimentos 2020	-4,07315483632330 6	30,15613 2870163 287	1,888450 2928487 58	-7,792169 7753703 94	-,3541398 9727621 9	-2,157	254	,032
	Par 2	Prazo médio de Recebimentos 2019 - Prazo médio de Recebimentos 2021	-1,060807 51379767 8	22,56605 8890075 950	1,413141 4231023 55	-3,843774 0993655 30	1,722159 0717701 74	-,751	254	,454
CP Positivos	Par 1	Prazo médio de Recebimentos 2019 - Prazo médio de Recebimentos 2020	-,819521056845253	36,98610 3155215 226	1,325164 6670794 41	-3,420842 9457290 57	1,781800 8320385 52	-,618	778	,536
	Par 2	Prazo médio de Recebimentos 2019 - Prazo médio de Recebimentos 2021	-1,194180 48741005 6	16,74798 8045511 736	,6000589 4401588 4	-2,372106 9024941 72	-,0162540 7232594 1	-1,990	778	,047

24 - Teste de comparação de médias de amostras emparelhadas: tempo médio de rotação inventários (“empresas positivas” e “empresas negativas”)

Teste de amostras emparelhadas

CP_2cat			Diferenças emparelhadas					t	df	Sig. (2 extremidades)
			Média	Erro Desvio	Erro padrão da média	95% Intervalo de Confiança da Diferença Inferior	Superior			
CP Negativos	Par 1	Tempo médio Rotação Inventários 2019 - Tempo médio Rotação Inventários 2020	-6,43819547209273	24,28646363418427	1,52087734722823	-9,43333153483107	-3,44305940935439	-4,233	254	,000
	Par 2	Tempo médio Rotação Inventários 2019 - Tempo médio Rotação Inventários 2021	-8,18086777041979	36,51645254678567	2,28674896090553	-12,6842712116769	-3,67746432916268	-3,578	254	,000
CP Positivos	Par 1	Tempo médio Rotação Inventários 2019 - Tempo médio Rotação Inventários 2020	-8,69338318010953	24,81581352552446	,88911878958570	-10,4387392302860	-6,94802712993392	-9,778	778	,000
	Par 2	Tempo médio Rotação Inventários 2019 - Tempo médio Rotação Inventários 2021	-8,25366872639661	30,37502901859313	1,08829835487214	-10,3900178175661	-6,11731963522707	-7,584	778	,000